

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**VANESSA CANTONI CARNIEL**

**PEDAGOGIA HOSPITALAR:  
REFLEXÕES SOBRE UM NOVO CAMPO DE ATUAÇÃO PARA O PEDAGOGO**

**BENTO GONÇALVES – RS  
2020**

**VANESSA CANTONI CARNIEL**

**PEDAGOGIA HOSPITALAR:  
REFLEXÕES SOBRE UM NOVO CAMPO DE ATUAÇÃO PARA O PEDAGOGO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, junto ao Campus Universitário da Região dos Vinhedos, da Universidade de Caxias do Sul, na área de Humanidades.

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Maristela Pedrini

**BENTO GONÇALVES – RS  
2020**

**VANESSA CANTONI CARNIEL**

**PEDAGOGIA HOSPITALAR:  
REFLEXÕES SOBRE UM NOVO CAMPO DE ATUAÇÃO PARA O PEDAGOGO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, junto ao Campus Universitário da Região dos Vinhedos, da Universidade de Caxias do Sul, na área de Humanidades.

**Aprovada em** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Profª Drª Maristela Pedrini – UCS – Orientadora

---

Profª Ms. Silvia Hauser Farina – UCS – Examinadora

---

Profª Drª Terciane Angela Luchese – UCS – Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão importante da minha vida, agradeço àqueles que estiveram comigo durante toda a minha caminhada acadêmica, até a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Primeiramente agradeço a Deus, por me permitir viver esse momento de conquista com força e coragem, guiando os meus passos e me abençoando todos os dias.

Aos meus pais, Silvana e Moacyr, e à minha irmã Gabriela Cantoni Carniel, por acreditarem em mim, me apoiando nas minhas escolhas, não medindo esforços para que esse sonho se tornasse realidade.

A minha querida orientadora Maristela Pedrini, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, me apoiando e dando suporte, acreditando na minha potencialidade, fazendo-me crescer enquanto futura profissional da educação. Agradeço pela compreensão e carinho durante a realização do meu Trabalho de Graduação de Curso e, principalmente, por fazer parte da minha vida.

Às professoras examinadoras que compõem a Banca de Defesa da presente monografia, por gentilmente, aceitarem o convite, contribuindo com sua avaliação para o enriquecimento do trabalho desenvolvido.

Aos profissionais da saúde, participantes da investigação, por destinarem um tempo de seu cotidiano atribulado, com muitos compromissos nesse momento pandêmico, para partilharem de suas experiências e vivências no ambiente hospitalar, possibilitando, assim, a construção do presente estudo. Meu muito obrigada!

A todos que contribuíram, de forma direta ou indiretamente, para que essa conquista fosse alcançada, muito obrigada.

Minha eterna gratidão!

*“Se a escola deve ser promotora da  
saúde, o hospital pode ser  
mantenedor da escolarização.”*

*Cláudia Esteves*

## RESUMO

O presente trabalho aborda o tema “Pedagogia Hospitalar: reflexões sobre um novo campo de atuação para o pedagogo”, com o objetivo de investigar o papel do pedagogo hospitalar e suas contribuições nesse novo espaço de atuação para a área da Pedagogia. Para tanto, a investigação descrita na presente monografia buscou respostas à seguinte questão de pesquisa “*Qual o papel do pedagogo no ambiente hospitalar e quais suas contribuições para minimizar os impactos da internação de crianças e adolescentes que se encontram inseridos nesse espaço?*”. A referida pesquisa, de natureza aplicada, de cunho qualitativo e de caráter exploratório quanto aos seus objetivos (GIL, 2008), foi desenvolvida através do percurso metodológico de estudo de caso (YIN, 2001), com a aplicação de entrevistas semiestruturadas a profissionais que atuam no campo de investigação em foco. Os dados coletados por meio da entrevista semiestruturada foram analisados através da técnica de análise textual discursiva (MORAES, 2003), fundamentada em aportes teóricos, entre os quais destaco Brito e Perinotto (2014), Wellichan e Oliveira (2018), Viegas (2008), Oliveira e Matos (2019) e Pacheco e Bonassi (2010). Ainda, o *corpus* da investigação contou com a análise documental de documentários e relatos em fontes multimídias que corroboraram com o alcance dos objetivos do estudo. A investigação realizada possibilitou aprimorar os conhecimentos sobre o papel do pedagogo no ambiente hospitalar e dar respostas à questão norteadora da pesquisa. Como resultados é possível afirmar que, embora haja muitas contribuições do profissional da educação no âmbito do hospital, seja atuando nas classes hospitalares, seja na gestão de pessoas, ainda é muito pouco conhecida essa nova área de atuação do pedagogo. Tal constatação permite verificar que, em se tratando do ambiente hospitalar, as crianças e adolescentes ali internados tem o atendimento médico, porém o atendimento pedagógico praticamente não é oferecido, mesmo sendo regularizado por lei. Ainda, embora haja a regularização da atuação do pedagogo no âmbito hospitalar, a sua efetivação só ocorrerá a partir do momento que as pessoas se conscientizarem da importância deste profissional inserido na equipe multidisciplinar das unidades de saúde, compreendendo as suas inúmeras contribuições, como foi argumentado ao longo do estudo.

**Palavras-chave:** Pedagogo. Pedagogia hospitalar. Brinquedoteca hospitalar. Humanização. Internação.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 01 – Espaço da Brinquedoteca do Hospital A .....	60
Figura 02 – Infraestrutura da Brinquedoteca do Hospital A .....	60

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa .....	27
Quadro 02 – Documentários analisados .....	28

## LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CNE	Conselho Nacional de Educação
CP	Conselho Pleno
COVID-19	Doença causada pelo novo coronavírus
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
HPP	Hospital Pequeno Príncipe
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização Não-Governamental
TV PUC	Rede de televisão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SEESP	Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação
UCS	Universidade de Caxias do Sul

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>13</b>
2.1 BREVE HISTÓRIA DA PEDAGOGIA .....	13
2.2 O PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR .....	16
2.3 BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O DIREITO DE BRINCAR .....	19
2.4 RELATOS DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM HOSPITAIS.....	22
<b>3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>26</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	26
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO .....	26
3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	27
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS .....	27
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AS VOZES DO COTIDIANO .....</b>	<b>30</b>
4.1 UM OLHAR PARA A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR .....	30
4.2 BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: LUDICIDADE E ACOLHIMENTO.....	35
4.3 PEDAGOGIA HOSPITALAR: DESAFIOS E AVANÇOS .....	40
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>56</b>
APÊNDICE 01 – ENTREVISTA: ADMINISTRADORA HOSPITALAR .....	56
APÊNDICE 02 – ENTREVISTA: MEMBRO DO CORPO CLÍNICO .....	58
<b>ANEXOS .....</b>	<b>60</b>
ANEXO A – BRINQUEDOTECA DO HOSPITAL INVESTIGADO .....	60

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de internação hospitalar geralmente é algo doloroso, pois de forma geral, as pessoas não são preparadas emocionalmente para vivenciar tal situação. As crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados sofrem muito mais, sendo que uma das razões desse sofrimento é porque não compreendem, de fato, o motivo que os leva a esse ambiente; outra razão, porque são privados de conviver com a sua família, amigos e escola regular, por tempo, muitas vezes, indeterminado.

Nesse sentido, a educação é um direito amparado pela legislação brasileira e o mesmo deve ser garantido em todos os espaços sociais, não se restringindo apenas ao espaço escolar. Desta forma, as crianças e adolescentes que estão sofrendo pelo processo da internação, têm o direito de ter o acompanhamento da vida escolar mediante o auxílio de um profissional da educação no ambiente hospitalar. Nasce assim, um novo campo de atuação para o pedagogo, com a finalidade de contribuir para que os dias de internação das crianças e adolescentes passem a assumir um novo cenário nesse ambiente de dor e sofrimento, para algo mais acolhedor, lúdico e humanizador.

Diante do exposto, como acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia, tenho algumas inquietações em relação a essa temática: De que forma o pedagogo pode estar presente no contexto hospitalar? Como ocorrem as aulas nesse ambiente?

A partir dessas inquietações e dos pressupostos acima referidos, a pesquisa descrita nesta monografia aborda o tema “Pedagogia Hospitalar”, e foi desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Campus da Região dos Vinhedos, da Universidade de Caxias do Sul. O referido tema foi delimitado como “Pedagogia Hospitalar: reflexões sobre um novo campo de atuação para o pedagogo”. E, como questão norteadora da pesquisa: *“Qual é o papel do pedagogo no ambiente hospitalar e quais suas contribuições para minimizar os impactos da internação de crianças e adolescentes que se encontram inseridos nesse espaço?”*.

O estudo se justifica tendo em vista que o ambiente hospitalar é lembrado por ser um espaço que representa dor, tristeza, não só para os pacientes, mas também, para familiares, amigos e demais pessoas da convivência de quem está passando por um processo de hospitalização, embora o hospital se constitua, também, em local de esperança de vida e de saúde. Mesmo assim, é sempre uma situação complexa lidar com a internação, com a doença, e quando isso ocorre, sentimentos como exclusão, aflição, ansiedade e medo permeiam o cotidiano dos que se encontram nessa condição.

Assim, a internação hospitalar é um momento que desencadeia muitos sentimentos e, se é complexo para o adulto, ainda o é muito mais para as crianças e adolescentes, sendo privados do convívio social e, conseqüentemente, da escola que frequentavam. Tal isolamento pode comprometer a saúde emocional dos mesmos, além de desencadear traumas que vão acompanhá-los pelo resto da vida. Diante disso, para que não haja o afastamento da vida escolar, há a obrigatoriedade regulamentada legalmente, que se ofereça aos jovens pacientes a continuidade dos estudos, mesmo em situação de enfermidade.

Nesse viés, o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, apresenta no parágrafo único do Art. 123: “Durante o período de internação, inclusive provisório, serão obrigatórias atividades pedagógicas” (BRASIL, 1990). Com isso a presença de um pedagogo, juntamente à equipe multidisciplinar composta por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, entre outros profissionais ligados à área da saúde, objetiva garantir às crianças e adolescentes o acesso à educação, por meio de uma atuação lúdico-pedagógica, que atenda às potencialidades e necessidades de cada sujeito.

Dentro dessa perspectiva, a escolha da temática da pesquisa desenvolvida se alicerçou em minhas motivações e interesse pautados em minhas vivências pessoais. Ou seja, revisitei alguns momentos difíceis que vivenciei na minha vida: a internação da minha mãe. Foram quatro meses entre idas e vindas do hospital onde ela se encontrava internada. Durante este período pude presenciar e sentir o seu sofrimento por passar tanto tempo naquele espaço. Também, pude observar outras situações no ambiente hospitalar envolvendo crianças e adolescentes que me mobilizaram a esse estudo.

Assim, a presente pesquisa buscou contribuir com os estudos sobre a atuação do pedagogo em espaços não escolares, especialmente no ambiente hospitalar, temática essa que merece ser conhecida e explorada para os avanços da pesquisa em educação. Para tanto, o objetivo geral foi investigar qual o papel do pedagogo no ambiente hospitalar e quais suas contribuições para minimizar os impactos da internação em crianças e adolescentes que se encontram inseridos nesse espaço. O objetivo geral foi desdobrado em objetivos específicos, sendo que destaco alguns: visitar a história da Pedagogia e investigar sobre os diferentes campos de atuação do pedagogo, aprofundar os conhecimentos sobre Pedagogia Hospitalar e investigar sobre os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados.

Para a realização da presente investigação foi necessário lançar mãos de recursos humanos que foram os sujeitos participantes da pesquisa, bem como recursos materiais, como livros, material de expediente, computador e rede de internet.

De modo a proporcionar uma melhor compreensão do estudo realizado, a presente monografia foi organizada em capítulos que compreendem: o primeiro capítulo intitulado “*Referencial Teórico*” em que são abordados os seguintes tópicos: “*Breve história da Pedagogia*”, em que são apresentadas as mudanças ocorridas no Curso de Pedagogia, no Brasil, através dos tempos; o tópico “*O Pedagogo no ambiente hospitalar*”, aprofunda sobre esse novo campo de atuação do pedagogo; “*Brinquedoteca Hospitalar: o direito de brincar*”, que apresenta a ludicidade com papel fundamental na estadia de crianças e adolescentes no hospital. E, como último tópico, “*Relatos de vivências pedagógicas em hospitais*”, são apresentados relatos de vivências pedagógicas em ambientes hospitalares, com o objetivo de promover a compreensão da função social e humanizadora do pedagogo no espaço hospitalar.

O segundo capítulo, “*Caminhos metodológicos*”, discorre sobre a opção metodológica utilizada para o desenvolvimento da investigação que compreende a caracterização da pesquisa, o campo de investigação, os sujeitos participantes, os instrumentos de coleta de dados e a técnica de análise dos dados coletados na pesquisa.

No terceiro capítulo, “*Análise e discussão dos resultados: As vozes do cotidiano*”, compreende a análise dos dados coletados que promoveu a emergência dos seguintes blocos de estudo: *Um olhar para a atuação do Pedagogo Hospitalar; Brinquedoteca Hospitalar: ludicidade e acolhimento e Pedagogia Hospitalar: desafios e avanços*.

Na sequência, nas “*Considerações Finais*”, são destacados os resultados e os conhecimentos construídos no desenvolvimento do presente estudo. Posteriormente, estão relacionadas as “*Referências*”, nas quais serviram de suporte teórico que embasaram a investigação desenvolvida e relatada na presente monografia e, para fechamento do texto, são listados os “*Apêndices*”, que contém as entrevistas semiestruturadas aplicadas aos participantes da investigação e os “*Anexos*” que apresentam imagens da brinquedoteca do hospital investigado.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 BREVE HISTÓRIA DA PEDAGOGIA

A Pedagogia é uma área do conhecimento que se debruça sobre o estudo da educação e os aspectos relacionados à referida área. De acordo com Libâneo (2001, p. 156) a “Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana [...]”. Ainda, compreende-se a Pedagogia como sendo uma ciência que se ocupa do estudo de um fenômeno humano, onde influencia e é influenciada pelas mudanças ocorridas na sociedade.

Assim, a Pedagogia vem passando por inúmeras mudanças nas últimas décadas e, para melhor compreendê-las, é necessário revisitar a história da educação desde os primórdios até a atualidade. A história da Pedagogia se constitui, de acordo com Cambi (1999) entre os séculos XVIII e XIX, quando houve a busca na institucionalização da educação e da instrução, de modo a formar cidadãos e técnicos.

Segundo Silva e Andrade (2013) o termo Pedagogia é de origem grega, de uma época em que a educação estava centrada na formação integral - corpo e mente; ainda, a mesma tinha o caráter de ensinar poucos homens, vindos de famílias tradicionais, a “governar”. Desse modo, segundo os referidos autores, a Grécia pode ser considerada o berço da Pedagogia, devido às influências da paidéia, que significa a “criação de meninos”.

Entretanto, a história da Pedagogia, desde o período grego é muito contraditória, pois esse campo do conhecimento exerce a finalidade ética de guiar o ato educativo e reforça a metodologia, ou seja, a condução da criança (SAVIANI, 2007).

Foi somente no século XIX, que houve o grande interesse da sociedade pela educação, o que ocasionou a expansão da rede escolar e a criação de escolas politécnicas. Também, houve o esforço, pelo Estado, de oferecer educação gratuita para os menos privilegiados, iniciando assim, o processo de democratização do ensino. Aranha (2012, p. 336) menciona que “[...] Nesse período, verificou-se uma nítida separação entre os pedagogos, ou teóricos da educação, e os educadores propriamente ditos, que exerciam seu mister nas salas de aulas”.

De acordo com o dicionário Aurélio online (2009-2020), Pedagogia significa “ciência cujo objetivo de análise é a educação, seus métodos e princípios; reunião das teorias sobre educação e sobre o ensino”. Desse modo, o termo pode ser compreendido como sendo uma das ciências que estuda a educação, tendo ela uma identidade própria, que se ocupa com os

processos educativos, os métodos de ensino e a contextualização dos elementos da ação educativa. Nesse sentido, Libâneo (2001, p. 156) destaca que:

A Pedagogia se ocupa, de fato, com a formação escolar de crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa [...].

A partir dos registros da História da Educação podemos constatar que foram muitos os movimentos que fundamentaram a nova concepção do campo da Pedagogia enquanto uma área que se dedica à formação humana, através da educação, mediante o estudo do processo educativo, das metodologias de ensino e da aprendizagem enquanto uma contribuição social.

No Brasil, o surgimento do Curso de Pedagogia ocorreu durante o governo de Getúlio Vargas, promulgado no Decreto-Lei nº 1.190/1939, com sua implantação na Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras, em São Paulo, sendo posteriormente, nomeada como Faculdade Nacional de Filosofia.

Segundo Scheibe e Durlí (2011), inicialmente o curso de Pedagogia foi dividido em duas etapas de formação: o Bacharelado, com duração de três anos, com o intuito de ocupar cargos de “técnicos em educação”; e o Licenciado, que complementava os três anos de bacharel com o curso de Didática de um ano de duração. O Licenciado era destinado à docência no ensino secundário, particularmente em escolas normais. De fato, havia uma separação notável na formação de profissionais da educação. Foram vários debates e mudanças até a homologação de uma nova estruturação nos Cursos de Pedagogia, que vigora até os dias atuais.

Foi a partir da LDB nº 9.394/96, como afirma Xerri (2012) que a procura pelo curso de Pedagogia aumentou, uma vez que a formação docente foi determinada através de curso em nível superior, de licenciatura de graduação plena em Pedagogia. Desta forma, houve a expansão do curso de Pedagogia no Brasil, sendo ofertado em universidades e institutos superiores de educação, de forma presencial e na modalidade à distância.

Em 2006, o Conselho Nacional de Educação, por meio da resolução CNE/CP nº 1, de 15 de Maio, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Nas referidas diretrizes consta que o curso terá a carga mínima de 3.200 horas de efetivo trabalho acadêmico, que serão distribuídas em atividades formativas e teórico-práticas, além dos estágios supervisionados.

De acordo com esse mesmo documento, no seu Art. 5º, o licenciado em Pedagogia deverá estar apto a atuar com ética e compromisso na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, contribuindo para o desenvolvimento das crianças. O pedagogo também poderá participar da gestão das instituições, no planejamento e no acompanhamento do projeto pedagógico, além de trabalhar em espaços não escolares, na promoção de aprendizagens dos sujeitos que se encontram no espaço não formal de ensino (CNE/CP, 2006).

Desse modo, hoje se entende que o pedagogo pode atuar em vários campos, uma vez que a educação ocorre em todos os ambientes, não só nas escolas. Desse modo, as faculdades estão inserindo nos seus currículos, disciplinas que focam na atuação do pedagogo em espaços não formais, além de, oportunizar vivências de estágio em que o acadêmico possa vivenciar a atuação do profissional da educação inserido em ambientes não escolares.

Na cidade de Caxias do Sul, o Curso de Pedagogia iniciou suas atividades em 1960 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que, mais tarde, integrou-se a outras quatro instituições que ofereciam cursos superiores: Faculdade de Belas Artes, Faculdade de Enfermagem, Faculdade de Ciências Econômicas e Faculdade de Direito, fundando em 10 de Fevereiro de 1967, a Universidade de Caxias do Sul. De acordo com o Projeto Político Pedagógico institucional, o objetivo do curso é formar docentes reflexivos, críticos e pesquisadores, com competências e habilidades fundamentais para o exercício do magistério (XERRI, 2012). O curso sofreu várias alterações e reformulações de acordo com as mudanças da legislação vigente, culminando com a proposta em desenvolvimento nos dias de hoje. A Universidade de Caxias do Sul é uma referência na região em várias áreas e, a formação de professores, através da oferta do Curso de Licenciatura em Pedagogia, é uma delas nesses sessenta anos de existência do referido curso.

Diante do exposto, o Curso de Licenciatura em Pedagogia possibilita uma ampla formação para a atuação no campo educacional, como docência, gestão, supervisão e orientação escolar. Ainda, o egresso do curso, ou seja, o pedagogo, pode se inserir em outros espaços de atuação, não se restringindo somente à escola. Hoje, este profissional, pode exercer suas atividades em ambientes antes jamais explorados, como ONGs, CRAS, casas de repouso, sistema prisional, empresas, associações, hospitais, entre outros. Tal amplitude do campo de atuação do pedagogo ratifica a importância e a relevância social do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

## 2.2 O PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

O pedagogo, geralmente, é lembrado por exercer as suas atividades dentro da sala de aula, porém, no cenário atual, esse profissional vem ganhando inúmeras possibilidades de atuação, uma vez que, a própria organização curricular do curso contempla a formação em ambientes escolares e não escolares, devido à importância de seu trabalho em outros espaços não formais de ensino, como nos afirma Farfus (2012, p. 81) “A educação, atualmente, não se faz mais apenas dentro dos muros escolares, mais vai além”.

Nesse sentido, nos últimos anos, se tem acompanhado a presença crescente de pedagogos no ambiente hospitalar. Tal presença e atuação têm como objetivo garantir o direito à educação de crianças e adolescentes hospitalizados. Assim, os hospitais estão inserindo em sua equipe multidisciplinar, esse profissional da educação com o intuito de oferecer a continuidade dos estudos a esse público, evitando a exclusão escolar e promovendo a reinserção na escola. Assim, surge uma nova área em que o pedagogo se faz presente, a Pedagogia Hospitalar. A atuação do pedagogo nesse espaço envolve o desenvolvimento de ações de acolhimento de forma lúdica e recreativa, com o intuito de promover o bem estar ao aluno/paciente durante a sua condição de enfermidade.

O referido campo de atuação do pedagogo foi regulamentado através das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, na resolução CNE/CEB nº 2 de 11 de Setembro de 2001, que estabelece:

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integradora com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.

§ 1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

§ 2º Nos casos de que trata este Artigo, a certificação de frequência deve ser realizada com base no relatório elaborado pelo professor especializado que atende o aluno. (MEC, 2001, p. 04)

Nesse sentido, de acordo com as diretrizes acima citadas, é imprescindível a presença do Pedagogo no ambiente hospitalar, pois mesmo que a criança e o adolescente estejam impedidos de frequentar a instituição de ensino regular, os mesmos devem ter a oportunidade de continuar aprendendo e descobrindo o mundo a sua volta, através de intervenções pedagógicas. Cabe destacar que o Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do

Adolescente, através da resolução nº 41 de 1995, estabelece vinte direitos das crianças e adolescentes hospitalizados, entre eles está o direito de desfrutar de recreação e acompanhamento do currículo escolar, durante o período de hospitalização.

Nesse sentido, é importante salientar que o profissional da educação, inserido no hospital, trabalhará conjuntamente com a escola regular onde o aluno/paciente estiver matriculado, desenvolvendo um currículo flexível e lúdico, adaptado de acordo com as condições, necessidades e interesses de cada aluno/paciente e suas possibilidades de saúde. Tal orientação consta no documento que o Ministério da Educação criou em 2002, intitulado “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações”, em que o currículo, nas unidades de saúde, precisa ser “[...] flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral” (MEC/SEESP, 2002, p. 13).

De acordo com a legislação acima apresentada, a classe hospitalar, pode ser considerada como sendo a própria sala de aula dentro do hospital, atendendo uma modalidade de ensino que se enquadra na Educação Especial, pois atende crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais, já que os mesmos se encontram em processo de internação, seja ele temporário ou períodos prolongados.

Segundo o documento “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações”:

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental. (MEC/SEESP, 2002, p. 13)

Esse mesmo documento estabelece que, para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, a sala de aula hospitalar deve contar com um mobiliário adequado e uma bancada com pia, além de instalações sanitárias adaptadas e espaço ao ar livre para atividades físicas e ludo-pedagógicas. Além do espaço próprio da classe hospitalar, “[...] o atendimento propriamente dito poderá desenvolver-se na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, uma vez que restrições impostas ao educando por sua condição clínica ou de tratamento assim requeiram” (MEC/SEESP, 2002, p. 16).

Ainda, as classes hospitalares devem contar com um professor coordenador, que irá coordenar as propostas pedagógicas; o professor propriamente dito, com formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas; e o

profissional de apoio, com a função de auxiliar o pedagogo na organização do espaço, no controle de frequência e na higienização do ambiente.

Além do mais, o pedagogo tem que estar apto e preparado para receber sujeitos que se encontram em diferentes anos escolares. Isso é diferente da escola em que o professor tem, todos os dias, os mesmos alunos durante o período de um ano. No hospital, o profissional da educação atuará com grupos multisseriados, ou seja, com pacientes que se encontram em anos escolares diferentes. Além de que, há crianças que passam por um longo período de internação, já, outras, que se encontram no hospital para fazer o tratamento com duração de alguns dias, havendo assim, rotatividade nos grupos de atendimento. Nesse viés, Comin (2009, p. 46) relata que “Turmas multisseriadas é a realidade da sala de aula no hospital, os alunos podem estar cursando diferentes séries, agrupados na mesma sala de aula [...]”. Ainda, a mesma autora cita que, nos espaços hospitalares, há alta rotatividade de crianças e/ou adolescentes, o que contribui para a formação de turmas, com diferentes particularidades.

De acordo com Vasconcelos (2006) no ano de 1935, Henri Sellier iniciou as primeiras intervenções pedagógicas ocorridas em hospitais, nos arredores de Paris. O seu trabalho foi um exemplo seguido na Alemanha, França, Europa e Estados Unidos, com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de crianças infectadas pela tuberculose. Mas, foi na Segunda Guerra Mundial, que a escola realmente entrou nos hospitais, uma vez que, um grande número de crianças e adolescentes ficaram impossibilitados de ir à escola, vítimas da guerra.

No que se refere às primeiras aparições das classes hospitalares em nosso país, Wellichan e Oliveira (2018, p. 150) mencionam que:

No Brasil os primeiros registros da pedagogia hospitalar datam de 1600, inicialmente com o atendimento escolar para pessoas com deficiência nas Santas Casas de Misericórdia de São Paulo. Outro registro que se tem, é do início da década de 1950 no Rio de Janeiro no Hospital Escola Menino Jesus que até hoje oferece atendimento dessa natureza para crianças e adolescentes internados.

Conforme evidenciado até o momento, além de propor práticas pedagógicas diversificadas através da ludicidade para garantir a continuidade dos estudos de crianças e adolescentes hospitalizados, minimizando o impacto da internação, o pedagogo atua, também, como uma ponte de ligação entre família e hospital, trabalhando de modo que todos compreendam o processo de internação de modo não tão doloroso, mas como sendo um processo necessário para a recuperação da saúde, de maneira a proporcionar um ambiente acolhedor e humanizador a todos que estão convivendo no espaço hospitalar.

### 2.3 BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O DIREITO DE BRINCAR

O brincar se caracteriza por ser um dos direitos fundamentais para o desenvolvimento infantil, sendo assegurado no inciso IV, do Art. 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), sendo que os mesmos têm direito à liberdade de “brincar, praticar esportes e divertir-se”.

Com o intuito de garantir esse direito, a brinquedoteca surge com o objetivo de ser, segundo Silvério e Rubio (2012, p. 02) “[...] um espaço criado para favorecer o brincar. É um local de descobertas, estimulação e criatividade e independente do tipo, objetiva resgatar o lúdico e a ludicidade infantil [...]”. Nesse sentido, a brinquedoteca se constitui num ambiente que resgata os jogos e brincadeiras, estimulando o imaginário das crianças por meio do lúdico.

De acordo com Melo e Valle (2010) a primeira brinquedoteca surgiu nos Estados Unidos em 1934, mas foi a partir de 1963 que as brinquedotecas foram surgindo em outros países, como Argentina, Canadá, China e França. Já no Brasil, os primeiros registros de brinquedotecas se dão no ano de 1973, em São Paulo. Ainda, segundo as referidas autoras “[...] As brinquedotecas estão inseridas em espaços como escolas, centros comunitários, creches, hospitais, universidades, clínicas, dentro outros, contudo é a filosofia da instituição e o público alvo que determinarão seus objetivos” (MELO; VALLE, 2010, p. 518).

Nesse contexto, de acordo com Costa *et al* (2014, p. 214) a brinquedoteca hospitalar ganhou impulso na década de 1980, com o objetivo de propiciar um “[...] espaço para a criança expressar, por meio das brincadeiras e jogos de papéis, seus desejos, fantasias, imaginação, medos, ansiedades e inseguranças geradas pela doença e internação, que afetam sua saúde biológica, psíquica e social”.

É importante mencionar que, mesmo em situação de enfermidade, a ludicidade precisa estar presente na vida das crianças e adolescentes, pois os jogos, os brinquedos e as brincadeiras colaboram no tratamento de saúde, amenizando os traumas decorrentes da internação. Assim, é imprescindível que a brinquedoteca se faça presente no ambiente hospitalar, como afirmam Silvério e Rubio (2012, p. 10), “[...] para a criança brincar permite representar seus medos e ansiedades proporcionando um meio para enfrentar tal condição de estresse [...]”.

Diante do exposto, com o objetivo de dispor a obrigatoriedade da instalação de brinquedotecas em unidades de saúde, foi promulgada, em 21 de Março de 2005, a Lei nº 11.104, que dispõe:

Art. 1º Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 2º Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar. (BRASIL, 2005)

Desse modo, a brinquedoteca vem se tornando obrigatória no espaço hospitalar, pois além de disponibilizar uma vasta coleção de jogos e brinquedos, torna o ambiente agradável e lúdico, contribuindo para a melhora do quadro emocional, abalado pela hospitalização. Além disso, estimula a criatividade, a imaginação, a comunicação e a socialização entre todos os sujeitos inseridos nesse ambiente. Nesse sentido, para Angelo e Vieira (2010, p. 85), a brinquedoteca se caracteriza por ser:

[...] um espaço onde as crianças e adolescentes aprendem a compartilhar brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sobre a condição de hospitalização, além de desenvolverem aspectos de socialização e cidadania. As atividades lúdicas também auxiliam na compreensão e elaboração da situação de exceção que a criança vive no hospital, diminuindo os aspectos negativos e possibilitando maior inclusão da mesma na instituição.

Como já referido, tanto as classes hospitalares como as brinquedotecas, tem como finalidade atender aos direitos das crianças e dos adolescentes hospitalizados. Porém, é importante destacar que existem diferenças entre elas, como nos afirmam Silva e Paula (2015, p. 336):

[...] a Brinquedoteca Hospitalar tem seu foco voltado para a interação entre os indivíduos que participam da mesma podendo compartilhar experiências, opiniões, brinquedos e até suas alegrias e decepções, para um melhor enfrentamento de sua hospitalização. Já o conceito de Classe Hospitalar, o foco está voltado para não permitir que a criança e o adolescente se desvinculem do seu Ensino Formal. Ou seja, que deem continuidade a escolarização das suas escolas de origem.

Assim, além de desenvolver as suas atividades nas classes hospitalares, o pedagogo nas brinquedotecas, realiza “[...] variadas atividades lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas, para continuação dos estudos no hospital [...]” (SILVÉRIO; RUBIO, 2012, p. 01-02).

Outro dado relevante para esse estudo é que, em 23 de Novembro de 2005, foi aprovada a Portaria nº 2.261, do Ministério da Saúde, que estabelece as diretrizes de instalação e funcionamento das brinquedotecas nas unidades de saúde que oferecem atendimento pediátrico em regime de internação, determinando:

Art. 5º Para o cumprimento do disposto nos artigos anteriores, deverão ser observadas as seguintes diretrizes:

I - os estabelecimentos hospitalares pediátricos deverão disponibilizar brinquedos variados, bem como propiciar atividades com jogos, brinquedos, figuras, leitura e entretenimento nas unidades de internação e tratamento pediátrico como instrumentos de aprendizagem educacional e de estímulos positivos na recuperação da saúde;

II - tornar a criança um parceiro ativo em seu processo de tratamento, aumentando a aceitabilidade em relação à internação hospitalar, de forma que sua permanência seja mais agradável;

III - agregação de estímulos positivos ao processo de cura, proporcionando o brincar como forma de lazer, alívio de tensões e como instrumento privilegiado de crescimento e desenvolvimento infantil;

IV - ampliação do alcance do brincar para a família e os acompanhantes das crianças internadas, proporcionando momentos de diálogos entre os familiares, as crianças e a equipe, facilitando a integração entre os pacientes e o corpo funcional do hospital;

V - a implementação da brinquedoteca deverá ser precedida de um trabalho de divulgação e sensibilização junto à equipe do Hospital e de Voluntários, que deverá estimular e facilitar o acesso das crianças aos brinquedos, do jogos e aos livros.

Ainda, de acordo com esse mesmo documento, deve haver uma área para a guarda e higienização dos brinquedos, sendo que a mesma deve ser feita conforme definido pela Comissão de Controle de Infecção do Hospital. Quanto aos horários de funcionamento da brinquedoteca, os mesmos devem ser definidos pela própria direção do hospital (BRASIL, Art. 6º, 2005).

Segundo Viegas (2008) na brinquedoteca hospitalar, deve haver uma preocupação quanto à escolha dos brinquedos, que devem ser fáceis de limpar e desinfetar, não recomendando bichinhos de pelúcia. Também, a higienização de outros materiais presentes nesse ambiente hospitalar, como vídeo games e computadores, deve fazer parte da rotina, uma vez que neles são encontrados diversos tipos de bactérias pelo manuseio e exposição do objeto, o que pode prejudicar a saúde dos pacientes.

Vale ressaltar, que os profissionais que atuam nas brinquedotecas são conhecidos como brinquedistas, são eles os responsáveis pela organização do espaço e por disponibilizar uma vasta possibilidade de brinquedos e jogos para serem utilizados. Também são os brinquedistas que ficam encarregados de possibilitar o acesso de materiais lúdicos nas enfermarias/leitos, quando não é possível, naquele momento, de a criança frequentar o espaço da brinquedoteca devido a sua condição clínica (KAILER; MIZUNUMA, 2009).

Nesse sentido, é de grande importância a presença da brinquedoteca no ambiente hospitalar, de forma que a mesma contribui na recuperação do bem estar emocional das crianças e adolescentes hospitalizados, além de oportunizar o brincar livremente, desenvolvendo a socialização, a imaginação, o faz-de-conta, o desenvolvimento motor e o cognitivo, tornando os dias de internação menos traumáticos.

## 2.4 RELATOS DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM HOSPITAIS

De acordo com o Art. 227 da Constituição Federal de 1988, é assegurado à criança, ao adolescente e ao jovem, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, sendo dever da família, da sociedade e do Estado.

Desse modo, para atender aos direitos das crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados, houve a necessidade de se implantar nos hospitais, as classes e as brinquedotecas hospitalares, com o objetivo de oportunizar a continuidade dos estudos e a recreação, como já exposto ao longo do texto. Hoje se entende que a presença desses espaços no ambiente hospitalar, vem para contribuir na recuperação dos pacientes, de modo a tornar a estadia no hospital menos penosa e mais humanizadora, além de garantir o exercício da cidadania. Ainda, vale ressaltar que, durante o período de internação, é obrigatória a presença de um acompanhante, como afirma o Art. 12 do Estatuto da Criança e do Adolescente: “Os estabelecimentos de atendimento à saúde, inclusive as unidades neonatais, de terapia intensiva e de cuidados intermediários, deverão proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsáveis, nos casos de internação de criança ou adolescente” (ECA, 1990).

Muitos são os relatos de vivências pedagógicas em ambientes hospitalares, cabe ressaltar que, as referidas práticas, mediadas por pedagogos, podem ocorrer tanto nas classes hospitalares, como nas brinquedotecas dos hospitais. Como afirmam Wellichan e Oliveira (2018, p. 153), “[...] Na atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, vem se observando duas propostas de prática educativas [...]”, sendo uma embasada no lúdico, desenvolvida nas brinquedotecas, e a outra, nas classes hospitalares, em que ocorre a continuidade do processo de escolarização, a partir de uma relação próxima com o professor e a escola no qual o paciente estuda.

De acordo com Belancieri *et al* (2008) foi realizado um estudo na brinquedoteca de um hospital no interior de São Paulo, com cerca de cinquenta crianças, com idade de um à treze anos, com um alto nível de rotatividade no setor pediátrico. Nessa pesquisa, a metodologia utilizada foi a Contação de Histórias infantis por meio de diversos recursos lúdicos. Como resultado da investigação, foram observados os seguintes pontos: as crianças começaram a interagir mais com as demais; houve mudanças nas emoções e sentimentos dos participantes e, foi possível verificar dificuldades de leitura e de escrita, em no mínimo, quatro alunos. Além disso, foram realizadas entrevistas com os pais/acompanhantes dos

pacientes em atendimento na brinquedoteca daquele hospital, sendo constatada a importância da proposta, a partir dos relatos dos entrevistados, uma vez que os alunos/pacientes ficaram mais tranquilos após a participação nas atividades relatadas.

Segundo a professora de classe hospitalar Geane Aparecida de Vasconcelos Yada, do Hospital Infantil Darcy Vargas (MULTICULTURA, 2014), de São Paulo, quando a criança entra no ambiente hospitalar é feito um levantamento da sua vida escolar e, a partir das informações coletadas, é realizada uma sondagem direcionada para diferentes faixas etárias. Ainda, segundo a referida docente, o processo da prática pedagógica no hospital é delicado, pois os docentes precisam “se pautar muito na vontade da criança e encorajá-la também”. Aliado aos dizeres da pedagoga acima citada, Souza (2017) menciona que, ao planejar as aulas no hospital, o profissional da educação deve valorizar o conhecimento prévio do jovem paciente. Além de “[...] A aula deve basear-se em algo que o aluno gosta ou tenha algum significado para ele, devem ser atividades recreativas e escolares nas áreas das linguagens, matemáticas, história, geografia e ciências que promovam e facilitem o ajustamento sócio emocional [...]” (SOUZA, 2017, p. 25).

O relato da mãe de uma criança paciente do Hospital Infantil Darcy Vargas, de São Paulo, evidencia as contribuições do pedagogo na vida das crianças e adolescentes hospitalizados, quando a mesma menciona: “Aqui que ela fez as primeiras letrinhas dela, os primeiros desenhos... ela aprendeu aqui, com as professoras daqui” (MULTICULTURA, 2014, n/p).

É importante salientar que o Hospital Pequeno Príncipe localizado no Paraná, é uma referência de unidade de saúde, que possui em suas dependências as classes hospitalares. Em 1987, vinculado à assistência social, iniciou-se o “[...] atendimento educacional mais como uma forma de minimizar os problemas decorrentes da hospitalização pediátrica, em especial a depressão e o isolamento, do que como concretização de um direito das crianças e adolescentes [...]” (CARREIRA, 2016, p. 35). Foi somente no ano seguinte que houve o primeiro convênio com o Poder Público, para dar início ao serviço de atendimento escolar. Com o passar dos anos, em 2002, através da Coordenação do hospital, foi criado o setor de Educação e Cultura com a finalidade de promover ações voltadas para o acompanhamento escolar das crianças e adolescentes hospitalizados. De acordo com Claudio Cesar Teixeira, membro do referido setor, a equipe conta com professores contratados pelo próprio HPP e, também, docentes vindos do Município e do Estado (COMPLEXO PEQUENO PRÍNCIPE, 2013).

Na referida unidade de saúde, os profissionais da educação organizam um plano de estudo, juntamente com o aluno/paciente, comprometido com o interesse dos estudantes. De acordo com Carreira (2016, p. 82), no Hospital Pequeno Príncipe, “[...] Além de prática de jogos, leituras e pesquisas, são ofertadas atividades de artes plásticas, a partir de uma variedade de materiais: tintas, giz de cera, lápis de cor, papéis, telas, etc”.

Através do seguinte depoimento de um aluno/paciente do Hospital Pequeno Príncipe se constata o grande significado que as propostas desenvolvidas no referido ambiente hospital trazem à vida dos pacientes:

A oficina foi bem legal, foi diferente. A gente fez coisas que a gente não faz no dia a dia, tipo cantar, dançar, ter o seu espaço, a sua hora de falar. O show foi muito bom. O mais legal foi a hora que eu subi no palco, senti um frio na barriga. Senti o orgulho de ter composto uma música e poder me apresentar, poder me expressar, me divertir, conhecer novas pessoas e me comunicar com elas. (CARREIRA, 2016, p. 149)

Em 2006, segundo Oliveira *et al* (2009) no Hospital Universitário de Santa Catarina, sobretudo na área da Unidade de Internação Pediátrica, foram realizadas atividades lúdicas com sete crianças da faixa etária de zero à quatorze anos e seus acompanhantes. As atividades foram desenvolvidas por alunos da Graduação do Curso de Psicologia, que foram denominados Brinquedistas. As propostas lúdicas ocorriam de segunda à sexta-feira, durante quatro horas diárias, sendo utilizados materiais diversificados, como: jogos de memória, de encaixes e de quebra-cabeça, brinquedos diferentes, materiais de pintura, massa de modelar, fantoches, livros de gibis, livros de histórias.

Como conclusão do estudo, foi verificada uma melhora significativa no comportamento das crianças e de seus acompanhantes, de modo que favoreceu na construção de um ambiente descontraído. Nesse sentido, de acordo com Oliveira *et al* (2009, p. 310):

Pôde-se observar que as crianças, de fato, passaram a lidar melhor com a hospitalização através das atividades lúdicas realizadas com elas. Muitas vezes, as crianças estavam muito apáticas ou extremamente agitadas e, depois de brincarem, ficavam mais calmas e relaxadas, verbalizando seu contentamento e desejo de continuar brincando [...].

Desse modo, fica evidente que, tanto as classes hospitalares, como as brinquedotecas, são importantes no espaço hospitalar, uma vez que elas contribuem para o desenvolvimento dos alunos/pacientes, na relação com todos os envolvidos, tornando esse ambiente um lugar de aprendizagens, de brincadeiras, de afeto e de amor, respeitando as necessidades de cada

sujeito, garantindo assim, o seu direito de ser cidadão e de ser acolhido e amparado em situação de vulnerabilidade.

### 3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa fundamentada no paradigma construtivista é de cunho qualitativo, com abordagem de campo e de caráter exploratório, de acordo com seus objetivos. A pesquisa exploratória, segundo Gil (2008) tem por finalidade proporcionar uma visão geral de um determinado fato. Ainda, de acordo com o referido autor “[...] Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p. 27).

O percurso metodológico empregado é o estudo de caso, fundamentado por Yin (2001, p. 35), que argumenta “[...] como outras estratégias de pesquisa, representa uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados [...]”. Assim, o foco do estudo, a partir da imersão na realidade hospitalar que contempla a atuação do pedagogo e que dispõe do espaço da brinquedoteca em suas dependências, servirá de alicerce para a construção de respostas ao problema de investigação.

#### 3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Foi campo de investigação um hospital situado no estado do Rio Grande do Sul, localizado na Serra Gaúcha, que contempla o espaço da brinquedoteca hospitalar. Devido à pandemia, a imersão *in loco* no referido espaço não foi possível, porém a coleta de dados foi realizada pelas plataformas digitais, por e-mails, via telefone e pelo uso de aplicativo de mensagens. Para fins de ética e sigilo o referido espaço foi identificado como Hospital A.

O referido hospital é uma Entidade Filantrópica, que atende, em grande número o Sistema Único de Saúde comparado com os convênios. O mesmo conta, atualmente, com cinquenta leitos hospitalares, atendendo clínica médica, pediátrica, traumatologia e cirúrgica, possuindo um quadro composto por quarenta e nove funcionários, envolvendo médicos e demais colaboradores.

É importante salientar que o Hospital A passou a contar com a brinquedoteca a partir da ação mobilizada pelo Estágio III do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade de Caxias do Sul (2019/4), em que as acadêmicas Bruna Frighetto e Roberta Schio, orientadas pela professora da Disciplina de Estágio III, Professora Mestra Bernardete Schiavo Caprara, juntamente com a administração do hospital, elaboraram o Projeto Brinquedoteca Hospitalar que foi implantada na referida instituição de saúde. A Brinquedoteca em foco está

devidamente regulamentada e equipada para receber os pacientes pediátricos no referido hospital campo de investigação, como é possível visualizar através de fotografias da mesma no Anexo A.

Ainda, vale ressaltar o importante papel da Universidade de Caxias do Sul, que incluiu em seus currículos disciplinas com olhar voltado para as diferentes áreas de atuação do pedagogo, com propostas que visam à qualificação do curso de Licenciatura em Pedagogia e ampliação da atuação profissional para o Licenciado em Pedagogia.

### 3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes da pesquisa foram dois profissionais que atuam no Hospital A exercendo as funções apresentadas no Quadro 01. Tendo em vista a necessidade de sigilo e preservação da identidade os sujeitos da pesquisa serão identificados por meio de números naturais.

Quadro 01 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

<b>PROFISSIONAL</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA FUNÇÃO</b>	<b>TEMPO DE ATUAÇÃO NO HOSPITAL</b>
Profissional 01	Administração e pós-graduação em Gestão Hospitalar	Administradora Hospitalar	24 anos	37 anos
Profissional 02	Medicina	Médico	2 meses	2 meses

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados da investigação descrita nesta monografia foi através da aplicação de entrevistas semiestruturadas: para a administradora hospitalar, denominada Profissional 01 (APÊNDICE 01) e ao membro do corpo clínico, denominado Profissional 02 (APÊNDICE 02). Segundo Gil (2008, p. 111) esse recurso, o da entrevista, é “[...] seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados que dispõem as ciências sociais [...]”.

Complementando o recurso acima mencionado, o referido autor relata que há dois tipos de entrevistas em que “[...] as mais estruturadas são aquelas que predeterminam em

maior grau as respostas a serem obtidas, ao passo que as menos estruturadas são desenvolvidas de forma mais espontânea, sem que estejam sujeitas a um modelo preestabelecido de interrogação” (GIL, 2008, p. 111). Assim, a opção para a investigação foi a aplicação de entrevistas menos estruturadas, permitindo, assim, mais flexibilidade e espontaneidade aos participantes.

Ainda, o *corpus* da investigação contou com a análise documental de relatos no formato multimídia listados no Quadro 02. Tal análise justifica-se considerando o cenário de pandemia que impossibilitou a imersão a campo. De acordo com Gil (2008) esse tipo de pesquisa é semelhante com a bibliográfica, porém o que diverge entre elas, é a natureza das fontes, já que neste tipo de investigação podem ser usados outros materiais de observação, como: reportagens, jornais, cartas, documentos originais, diários, fotografias.

Quadro 02 – Documentários analisados

CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	LINK DE ACESSO
Hospital Bruno Born – Lajeado – RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=lnK9lpRCU0E">https://www.youtube.com/watch?v=lnK9lpRCU0E</a> <a href="https://www.hbb.com.br/site/brinquedoteca-do-hbb-alegria-e-diversao/">https://www.hbb.com.br/site/brinquedoteca-do-hbb-alegria-e-diversao/</a>
Hospital de Clínicas de Porto Alegre UFRGS Porto Alegre – RS	<a href="https://agenciapara.com.br/noticia/17345/">https://agenciapara.com.br/noticia/17345/</a>
Desafio Profissão – Pedagogia Hospital TV PUC São Paulo – SP	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=FGzHfNTjj5w">https://www.youtube.com/watch?v=FGzHfNTjj5w</a>
Brinquedotecas Hospitalares	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Bfq7qEIBdbM">https://www.youtube.com/watch?v=Bfq7qEIBdbM</a>

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas foram analisados através da técnica de análise textual discursiva, como ferramenta analítica da pesquisa qualitativa que se remete à análise de conteúdo e a de discurso. Segundo Moraes (2003, p. 209) essa técnica “[...] pode ser concebida como um processo auto-organizado de produção de novas compreensões em relação aos fenômenos que examina”. Tal processo permitiu a compreensão

das manifestações do sujeito da pesquisa que vieram a colaborar na busca de dar respostas à questão norteadora da questão.

A proposta inicial previa entrevistas com pedagogos e brinquedistas que atuam em ambientes hospitalares da Serra Gaúcha e do Vale do Taquari; porém, a imersão junto à realidade hospitalar permitiu constatar que não há hospitais, nas referidas regiões, que mantêm esses profissionais em sua equipe multidisciplinar. Desta forma, as entrevistas foram desenvolvidas com os participantes já caracterizados.

Ainda, os demais dados foram coletados através da análise documental nas diferentes fontes acima citadas, em realidades fora das regiões escolhidas para o estudo, buscando, assim, subsídios para a fundamentação do estudo em outras regiões que já contemplam a presença e atuação do pedagogo hospitalar em suas equipes multidisciplinares.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AS VOZES DO COTIDIANO

A análise textual discursiva, segundo Moraes (2003, p. 194) é constituída por documentos denominados *locus*, que de acordo com o referido autor “[...] representa informações da pesquisa e para a obtenção de resultados válidos e confiáveis, requer uma seleção e delimitação rigorosa [...]”. Para tanto, se faz necessário à desconstrução de textos a serem analisados e a reconstrução dos mesmos, a partir da interpretação de seus sentidos e conteúdo. Sendo assim, a análise dos dados coletados pela investigação permitiu a identificação dos seguintes blocos de estudo: “*Um olhar para a atuação do Pedagogo Hospitalar; Brinquedoteca Hospitalar: ludicidade e acolhimento e Pedagogia Hospitalar: desafios e avanços*”, que serão descritos na sequência do texto.

##### 4.1 UM OLHAR PARA A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR

O primeiro bloco emergente na análise textual discursiva aborda uma nova área de atuação para a Pedagogia, em que os egressos do curso, ou seja, os pedagogos passam a atuar em ambientes hospitalares, trabalhando com a gestão de pessoas, com as classes hospitalares e, também, nas brinquedotecas, contribuindo assim para o processo de humanização dentro do espaço hospitalar.

É importante referir que, historicamente, o pedagogo é visto como um profissional que desenvolve suas atividades em ambientes escolares, porém, nas últimas décadas, houve a ampliação da atuação desse profissional em novos ambientes, ou seja, em ambientes não escolares. Assim, hoje se constata a grande importância da atuação do pedagogo em diferentes espaços não formais de ensino, uma vez que, a educação ocorre em todos os espaços da sociedade, como assinala Farfus (2012, p. 72):

A atuação de profissionais da educação não se restringe mais em ambientes formais de educação, pelo contrário, seu processo de formação deve contemplar múltiplos espaços de atuação, como empresas, hospitais, associações que promovem ações educativas e que complementam muitas vezes o processo de educação formal ministrado em contextos escolares.

Considerando esses pressupostos, foi realizada a seguinte pergunta para os Profissionais 01 e 02, participantes da pesquisa, que atuam no Hospital A: “*Como você vê a atuação do Pedagogo no ambiente hospitalar?*” Respondendo à referida pergunta, a Profissional 01 pontuou que:

[...] Na minha visão o papel do Pedagogo nas instituições hospitalares, é de fundamental importância, pois este profissional contribuirá de forma incisiva para que os pacientes estudantes, independente da idade, não interrompam seu aprendizado, ou não se sinta desamparado num momento de maior fragilidade e incertezas.

A resposta da Profissional 01 apresenta uma reflexão sobre o pedagogo atuante nas classes hospitalares, em que o objetivo é dar a continuidade ao processo de escolarização, evitando a exclusão escolar e garantindo a (re)inserção na escola de origem. Também é o pedagogo hospitalar, como afirmam Silva e Farago (2014, p. 170), responsável “[...] por desenvolver atividades lúdicas que venham a minimizar a ansiedade, a angústia e o temor, sentimentos estes, despertados nas crianças e adolescentes enfermos [...]”.

Por sua vez, o Profissional 02 para a questão em análise, respondeu:

Vejo como um profissional que venha a somar na equipe multidisciplinar já existente no ambiente hospitalar. Alguém com olhar voltado para acompanhamento e continuação da curva de aprendizagem da criança que necessita de tratamento em ambiente hospitalar e que nele poderá permanecer por dias, semanas e meses. Acredito que seja possível unir a saúde com o ensino garantindo, assim, o acesso a educação de maneira integral.

A afirmação do Profissional 02 vai ao encontro do direito previsto no princípio V da Declaração dos Direitos da Criança, de 20 de Novembro de 1959: “À crianças incapacitadas física, mental ou socialmente serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar”. Nesse sentido, fica evidente a contribuição da presença do profissional da educação na equipe multidisciplinar dos hospitais, promovendo uma forte integração da saúde e educação, uma vez que, estes são os direitos fundamentais de todo cidadão.

As respostas dos profissionais entrevistados revelam que a atuação do pedagogo é de grande relevância no hospital, uma vez que desenvolve ações que tornam a estadia no hospital menos traumática, através do desenvolvimento de ações que possibilitam a continuidade do ensino escolar, mantendo o vínculo do aluno/paciente com a escola.

É importante mencionar que o pedagogo hospitalar, após a alta do aluno/paciente, continua fazendo o seu acompanhamento de estudo, por meio de relatórios e telefonemas com a instituição escolar de origem. Geralmente esse retorno ocorre de forma gradual, pois o paciente ainda precisa dar continuidade ao seu tratamento de saúde na unidade de saúde, mesmo que em uma ou duas vezes por semana, afirma Amalia Neide Covic, coordenadora do Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer, do Estado de São Paulo (TV PUC, 2019).

Tais ações desempenhadas pelo pedagogo fazem parte do processo de humanização das relações do ambiente hospitalar, tendo em vista que, é preciso revitalizar essas relações, com um olhar atento e cuidadoso, uma vez que a pessoa internada se encontra em estado de doença, se sentindo mais vulnerável e frágil, principalmente em se tratando de crianças e adolescentes que são mais sensíveis emocionalmente.

Em relação a esse aspecto, os profissionais foram questionados sobre: “*Quais são as demandas em relação ao processo de humanização das relações no ambiente hospitalar?*”. A Profissional 01, respondeu destacando:

Grande número de queixas e demandas dos pacientes e familiares podem ser resolvidos ou minimizados, quando o usuário sente-se ouvido, compreendido, acolhido e respeitado como pessoa pelos profissionais que o estão atendendo. Isso mostra que as iniciativas de humanização interferem fortemente na satisfação do cliente.

A resposta da Profissional 01 reitera que o processo de humanização deve ocorrer em todos os espaços sociais, sobretudo no hospital, ambiente este caracterizado pela dor e sofrimento. É nesse sentido que o pedagogo atua dentro desse espaço, contribuindo no processo humanizador, através da escuta, diálogo e acolhimento do paciente e de seu familiar/acompanhante. Ainda, a Profissional 01 relacionou algumas formas de humanização que contribuem para a melhora nas relações no hospital:

Qualidade de vida em todas as áreas da pessoa;  
 Preservar os direitos de todos os pacientes;  
 Capacitar os profissionais dos diversos setores do hospital para que o conceito de assistência à saúde valorize a vida integral da pessoa;  
 Aperfeiçoar as relações no trabalho entre setores buscando um clima de respeito e humanização como colegas da mesma instituição;  
 Ser um hospital diferenciado no atendimento humanizado para que o paciente se sinta valorizado como pessoa em sua individualidade;  
 Que as ações sejam de responsabilidade institucional e possam estender-se também em benefício social;  
 Que a pessoa que chega ao hospital possa sentir-se segura e confiante com a certeza de ser atendida por pessoas humanas com uma espiritualidade samaritana;  
 Que o cuidado, delicadeza, o carinho e a compaixão sejam buscados com esmero e constantemente por todos os servidores deste hospital;  
 Que se veja e se trate a vida como um bem e um valor maior;  
 Que todos os servidores se sintam parte desta instituição e vistam a camiseta para ser e fazer a diferença em todos os setores.

Ao se manifestar listando ações que contribuem para a humanização no ambiente hospitalar, a Profissional 01 revela um profundo conhecimento sobre gestão de pessoas, bem como, um olhar sensível perante necessidade de um atendimento humanizado a pessoas que se encontram em estado de saúde abalado. É possível afirmar que a visão da profissional tem

alicerce na sua formação e na experiência de atuação, tanto no espaço hospitalar quanto na função de gestão, uma vez que revela compreensão aprofundada de sua função.

Tal reflexão e intervenções, ressaltadas pela Profissional 01, nos revelam o quão importante é oportunizar a qualificação profissional dos colaboradores, assim como, manter uma boa relação com toda a equipe multidisciplinar. Diante do exposto, o pedagogo também se faz necessário no processo de refletir o clima organizacional presente na organização, com o objetivo de ser a escuta a possíveis reclamações e/ou sugestões, criando estratégias que minimizam os pontos negativos levantados, melhorando, assim, o ambiente de trabalho e o bem-estar dos profissionais, pacientes e familiares. Nessa mesma linha de pensamento, Lima (2008) destaca que o clima organizacional influencia direta ou indiretamente no comportamento das pessoas, o que acaba, também, sendo o reflexo das motivações dos profissionais presentes na organização. É então, ato de humanizar quando se proporciona a qualificação no atendimento e na harmonização de um ambiente que é carente de sensibilidade, acolhimento, empatia, generosidade, resiliência e otimismo, como é caso dos ambientes hospitalares.

Nesse mesmo sentido, em resposta a mesma questão, o Profissional 02 afirmou:

A humanização hospitalar começa na recepção do paciente, na sala de espera, até o atendimento médico. Todos os setores devem estar engajados e conscientes sobre a importância de uma atenção qualificada, ética e profissional. A prática diária da humanização na área da saúde torna o processo mais qualificado, pois respeita a individualidade de cada ser e resolve o problema do paciente com mais positividade.

Fundamenta a afirmação do Profissional 02, Dias (2006) quando pontua que a recepção é o cartão de visita do hospital e, para isso, a mesma deve acolher o paciente de maneira agradável, transmitindo segurança e a percepção de que o sujeito é bem vindo naquele ambiente.

Analisando as respostas de ambos os profissionais entrevistados, constata-se que os mesmos concordam que o processo de humanização é fundamental no ambiente hospitalar, uma vez que ele contribui para que as relações sociais ocorram de forma harmoniosa, fazendo com que todas as pessoas se sintam ouvidas, acolhidas e motivadas. Aliado a isso, de acordo com Matos e Mugiatti (2008, apud SILVA; ANDRADE, 2013, p. 41), humanizar requer um trabalho desenvolvido de forma multi/inter/transdisciplinar, em que todos que compõe a equipe multidisciplinar do hospital estejam integrados com os mesmos princípios e fins que expressam a finalidade de desenvolver um trabalho voltado para o bem-estar de todos.

É importante salientar, que em 2001, o Ministério da Saúde, juntamente com a Secretaria de Assistência à Saúde, através do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar, anunciou informações pertinentes, a fim de melhorar o contato humano entre todos os presentes nesse espaço, desde o atendimento e acolhimento de usuários à gerência do hospital. Nesse viés, Caldeira (2019, n/p) menciona que “É só por meio da humanização que toda a jornada em um centro de saúde se tornará satisfatória, tanto para usuários quanto para colaboradores. O processo deve ser pensado desde a admissão do paciente até o acompanhamento pós-alta”.

Ainda, segundo Brito e Perinotto (2014, p. 297) este documento:

[...] presume inúmeras formas de ação e constantes avaliações dos usuários e dos profissionais, envolvendo aspectos fundamentais como: capacitação permanente dos profissionais de saúde, melhoria nas condições de trabalho, participação ativa do usuário na avaliação de qualidade dos serviços e participação da comunidade organizada em ações de apoio e acompanhamento dos serviços.

Outra questão apresentada à Profissional 01 foi: “*Existe algum plano ou projeto para a contratação de um profissional – pedagogo para atuar nesse ambiente?*”. A mesma relatou que “Atualmente não, devido ao baixo fluxo de pacientes, mas, ao longo dos anos e com perspectivas de crescimento da Entidade, acredito que isso seria possível no futuro”. A resposta da Profissional 01 traz à reflexão que há baixo número de pacientes pediátricos na realidade investigada.

Diante do exposto foi possível constatar a importância da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, através das respostas dos Profissionais 01 e 02. Os mesmos validam este novo campo de atuação da Pedagogia, considerando que esse profissional desenvolve um importante papel nas unidades de saúde, já que o mesmo atua nas classes hospitalares, com o objetivo de possibilitar a continuidade dos estudos de alunos/pacientes; também, a sua retomada à escola após a internação. Além disso, zela pelo processo humanizador hospitalar, atuando com a gestão de pessoas e com o clima organizacional, prezando pelo bem-estar de todos os indivíduos pertencentes a esta organização.

Assim sendo, se fortalece o reconhecimento da importância da presença e da atuação do pedagogo nos ambientes hospitalares, uma vez que, tendo em vista a amplitude de suas funções, se constituem em profissionais essenciais para o desenvolvimento de atividades pedagógicas com pacientes pediátricos, como se discorreu ao longo deste primeiro bloco de análise.

## 4.2 BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: LUDICIDADE E ACOLHIMENTO

O segundo bloco de análise tem como enfoque a Brinquedoteca Hospitalar, espaço que carrega consigo um importante compromisso: o acolhimento, através da ludicidade. Nesse espaço, o lúdico, os jogos e as brincadeiras, tem o papel de amenizar a dor e a tristeza dos dias em que as crianças e/ou adolescentes ficam internados, proporcionando momentos alegres, de diversão e descontração. Segundo Viegas (2008, p. 11) a brinquedoteca hospitalar é “[...] um espaço no hospital, provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças, os adolescentes e seus acompanhantes a brincar no sentido mais amplo possível e conseguir sua recuperação com uma melhor qualidade de vida”.

Para melhor compreender como ocorrem as vivências na brinquedoteca hospitalar foi realizada a seguinte pergunta para os profissionais participantes da investigação: “*Como você avalia o processo de implantação da brinquedoteca no hospital?*”. Respondendo à pergunta, a Profissional 01, pontuou:

Positiva, pois a brinquedoteca fornece a criança um ambiente mais familiar e divertido, contribuindo para que sua passagem por este ambiente hospitalar seja mais leve e menos traumático, contribuindo assim para que sua recuperação seja mais breve. Saliento ainda a redução do nível de ansiedade dos pacientes, melhor resposta ao tratamento, devido a melhoria do estado psicoemocional dos pacientes e diminuição dos níveis de estresse do acompanhante (familiar) durante o período de internação.

Através da análise da resposta da Profissional 01 é possível constatar que a interação com a brinquedoteca ajuda no processo de reabilitação emocional dos pacientes, crianças e adolescentes. Nesse sentido, Brito e Perinotto (2014, p. 303) mencionam que nas instituições de saúde “[...] a brinquedoteca tem como foco principal amenizar os traumas provocados durante o período de internação, facilitando o tratamento, a fim de obter uma rápida recuperação”. O Profissional 02 respondeu à questão relatando que, para ele, a brinquedoteca hospitalar é “local onde, de maneira descontraída, a criança realiza seu tratamento conjuntamente com o estímulo, a diversão e aprendizagem”. É nesse viés que Wellichan e Oliveira (2018, p. 158) pontuam que este espaço “[...] ao oferecer o ambiente lúdico ao hospitalizado, oferece condições por meio de jogos e brincadeiras, de motivar e descontrair (na medida do possível dentro de cada situação) proporcionando a socialização com outros hospitalizados”, tal afirmação valida a importância da brinquedoteca hospitalar devido às importantes contribuições através da ludicidade.

Cabe ressaltar que, no espaço da brinquedoteca, os pequenos podem desenhar pintar, brincar e aprender, assim como conviver com os demais que também desfrutam desse

ambiente. Porém, “[...] Por mais que tenha brinquedos e adultos dando atenção, nada substitui a interação de uma criança com outra [...]”, é o que revela a pedagoga Karen Soares Xavier, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (OLIVEIRA, 2020, n/p). Desta forma, fica reiterada a importância da brinquedoteca como uma fonte de interação com o outro, em que se permite a relação da criança com objetos e outras pessoas, pois a socialização é um fator primordial na vida de qualquer indivíduo e, por natureza, se faz necessário o contato com o próximo, através da troca e do diálogo (VYGOTSKY, 2003).

Para compreender como ocorre o funcionamento da brinquedoteca dentro do hospital investigado, foi apresentada a seguinte pergunta para a Profissional 01: *“Há utilização da Brinquedoteca Hospitalar? De que forma? Quem atua?”*. A sua resposta foi a seguinte:

Sim, crianças internadas com condições de caminhar e com patologias não contagiosas, são estimuladas a se dirigirem na brinquedoteca acompanhada de seus responsáveis (acompanhantes). Acompanhantes, familiares e profissionais de enfermagem que atuam no andar. (PROFISSIONAL 01, 2020)

De acordo com a resposta da Profissional 01, podemos verificar que, no referido hospital, os profissionais que atuam na brinquedoteca são os enfermeiros da unidade de saúde, tendo em vista não haver o profissional da educação atuando na equipe multidisciplinar, como já destacado. Porém, com a implantação deste espaço nos hospitais, surge a necessidade da contratação de um profissional atuante nesse ambiente, os chamados brinquedistas que são responsáveis por atender as crianças e seus acompanhantes enquanto os mesmos desfrutam da brinquedoteca. Nesse contexto, Teixeira (2019, n/p) revela que “Grande parte dos hospitais não tem uma equipe que trabalha na brinquedoteca, tem apenas um profissional responsável e voluntários”. Ainda, segundo a referida autora, infelizmente, em nossa sociedade isso ainda ocorre pela falta de (re)conhecimento da brinquedoteca hospitalar e de pesquisas que mostrem a importância desse espaço, o que resulta na falta de profissionais brinquedistas, como também de pedagogos, como referido anteriormente.

Em relação ao funcionamento da brinquedoteca do hospital em foco, foi realizado o seguinte questionamento: *“Considerando a existência da brinquedoteca na entidade, há horários específicos para seu funcionamento?”*, a Profissional 01 mencionou “Não, este espaço é de livre acesso até às 20 horas”. A referida resposta traz uma importante contribuição no sentido de que há o entendimento por parte da gestão hospitalar de que o acesso à brinquedoteca deve ser livre, a partir da motivação dos pacientes pediátricos, também de quando se sentem em condições para se deslocar até o espaço. Ainda, em realidades onde há poucos pacientes internados, é possível organizar o espaço de forma livre; entretanto, em

unidades com maior número de indivíduos internados, deve haver uma organização e um cronograma de horários a fim de poder atender a todos e dar a atenção aos cuidados de higiene para preservação da saúde, principalmente nesse período de pandemia que estamos vivendo.

O enfoque dado à questão do tempo de permanência na brinquedoteca deve-se ao fato de que os momentos em que a criança fica nesse espaço, faz com que a mesma, esqueça, naquele momento, da sua condição de enfermidade e usufrua o que o ambiente tem para oferecer em termos de ludicidade. Segundo a brinquedista do Hospital Bruno Born de Lajeado/RS, “O tempo em que a criança permanece na brinquedoteca depende da sua faixa etária. Geralmente a criança fica de uma até duas horas” (TV INFORMATIVO, 2015, n/p). Nesse sentido, a brinquedoteca deve ser aberta em todos os momentos do dia para atender às crianças que, devido ao seu tratamento, se encontram fragilizadas e, nesse espaço, podem ser acolhidas de forma lúdica, recebendo um conforto em meio à situação de dor e doença enfrentada.

A investigação também buscou levantar dados quanto à estrutura física da brinquedoteca através da seguinte questão: “*Que materiais/objetos estão presentes nesse espaço?*”, a Profissional 01 mencionou “Mesinha com cadeiras, armários, poltronas, TV, quadro negro, matérias lúdicos (livros, jogos e revistas), brinquedos, sofás, espaço para leitura, etc...”.

Analisando a resposta da Profissional 01, é possível verificar que a brinquedoteca é o local em que se efetiva o direito de brincar dentro do hospital, onde a criança e/ou adolescente tem contato com uma ampla variedade de jogos e brinquedos que possibilitam a exploração de atividades lúdicas. Além disso, há a disponibilidade de outros recursos, que fazem com que a estadia no hospital seja mais alegre, acolhedora e marcante na vida de todos que ali convivem, como filmes, revistas, músicas, computadores, entre outros recursos. Em unidades de saúde que possuem esse ambiente em suas dependências, como é o caso do Hospital Bruno Born de Lajeado/RS (TV INFORMATIVO, 2015), há diferentes variedades de brinquedos, como bonecas, carrinhos, além de jogos, como o de memória.

Cabe mencionar que as atividades lúdicas são importantes para a adaptação da criança a ambientes novos e desconhecidos, como referem os autores Oliveira e Matos (2019, p. 40) “[...] por meio do brincar, a criança é capaz de criar e transformar situações cotidianas através da imaginação, fato que dá satisfação, prazer e autonomia ao pequeno enfermo [...]”.

A informação da Profissional 01 que, na brinquedoteca, são disponibilizados livros remete ao fato de que a leitura deve estar presente no cotidiano das crianças e, mesmo aquelas

que se encontram internadas e longe do convívio social, familiar e escolar, devem continuar tendo o contato com o mundo imaginário e encantador que os livros possibilitam vivenciar (PAULA; DAVINA, 2018). Nesse sentido, na brinquedoteca hospitalar, também ocorrem as contações de histórias através da ludicidade, em que se utilizam diferentes recursos que chamam a atenção das crianças, como é o caso do teatro de fantoches, histórias em latinhas, tapete de histórias, saia literária, caixa cenário, avental de histórias, entre outras técnicas. Nesse viés, sobre a leitura no espaço hospitalar, Santos (2009, p. 08) aponta que:

A literatura direcionada à criança hospitalizada pode atuar também como elemento desencadeador do processo catártico e terapêutico, isto é, pode minimizar os sentimentos de angústia, medo, isolamento, ansiedade, fragilidade física e emocional decorrentes da doença e internação; além de abrir caminhos para conversas sobre temas considerados complexos e dolorosos, temas como doença, sofrimento, hospitalização, solidão, morte.

Em relação à quantidade de objetos lúdicos nas brinquedotecas, é importante ressaltar que, devido aos precários recursos e da não disponibilização das verbas hospitalares para tal fim, a maioria dos brinquedos e jogos presentes nas brinquedotecas hospitalares são oriundos de doações da comunidade. Também, muitas vezes, os recursos necessários são obtidos através de campanhas comunitárias em que empresas e outros voluntários fornecem a mobília e demais materiais necessários a esse espaço. Concordando com isso, Teixeira (2019, n/p) pontua que “os brinquedos são frutos de doações, muitos já vêm usados”, por isso os profissionais que atuam na brinquedoteca devem realizar uma triagem para à verificação das condições de utilização dos mesmos. Nesse aspecto, o processo de contribuição através das doações é uma oportunidade para o desenvolvimento da consciência cidadã e do estímulo à cooperação e ao bem comum, competências e habilidades cada vez mais necessárias no mundo contemporâneo. Esse aspecto reverbera o que sinaliza a Competência Geral de número 10 da Base Nacional Comum Curricular (2018) “Responsabilidade e cidadania” que tem como objetivo promover uma educação para que os indivíduos sejam sensibilizados a “agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários” (BNCC, 2018, p. 10). Em última análise, tal concepção remete a um dos quatro pilares da educação para o século XXI “aprender a conviver” (DELORS, 2001), enquanto condição para a formação de seres humanos providos de acolhimento ao seu semelhante de forma a construir uma sociedade com equidade e paz.

Outro aspecto de interesse nesta investigação foi em relação à forma como é realizada a escolha e higienização dos brinquedos no espaço da brinquedoteca através do

questionamento: “*De que forma é feita a escolha e higiene dos brinquedos?*” Em resposta à questão, a Profissional 01 discorreu:

A escolha e seleção dos brinquedos são feitos com critérios técnicos, onde são expostos apenas brinquedos que não oferecem riscos de acidentes e de fácil higienização. A higiene é realizada diariamente pelos profissionais dos serviços de higienização do hospital, atendendo normas e procedimentos estabelecidos pela coordenação.

A resposta acima permite concluir a responsabilidade e comprometimento da gestora hospitalar com o cuidado e segurança dos pacientes que utilizam a brinquedoteca, desde a escolha dos brinquedos até a sua higiene. Neste contexto é necessário pontuar que o termo brinquedo, segundo Dallabona e Mendes (2004, p. 108) se caracteriza por ser “objeto destinado a divertir uma criança, suporte da brincadeira”. Com isso, é de fundamental importância uma escolha criteriosa, como mencionado pela Profissional 01, bem como, que seja feita, cotidianamente, a limpeza de todos os brinquedos presentes na brinquedoteca, pois como afirmam Silva e Matos (2009, p. 09) “Os brinquedos possuem uma grande probabilidade de transmitir a infecção hospitalar [...]”. Quando a criança hospitalizada não tem condições de ir à brinquedoteca, devido ao tratamento de saúde e de mobilidade, os brinquedos são levados aos leitos em kits individuais com a identificação do paciente, uma vez que, é necessário que os brinquedos passem por higienização, mesmo não estando nas brinquedotecas hospitalares.

Também, foi perguntado à Profissional 01: “*Além da brinquedoteca, há outros espaços do hospital destinados a atividades com as crianças?*”, a mesma mencionou “Auditório quando houver necessidade, atualmente este acesso está suspenso devido à pandemia em curso”.

Diante do exposto e devido ao momento pandêmico vivenciado, no qual se passou a viver de forma isolada, dando uma atenção maior à higiene e ao distanciamento social, nos hospitais há uma preocupação ainda maior, pois ninguém estava preparado para lidar com uma doença desconhecida, sendo assim, Dantas (2020, p. 229) nos traz que “O cenário de incertezas trazidos numa experiência de hospitalização foi potencializado com a chegada da pandemia da COVID-19 [...]”.

Em meio a todo esse cenário, e tendo em vista o foco da presente pesquisa, ao Profissional 02 foi perguntado sobre: “*Você percebe alguma melhora clínica em pacientes que frequentam a brinquedoteca hospitalar? Em caso afirmativo, cite qual (is)*”. O mesmo relatou que “A melhora é evidente, tendo em vista que a aderência ao tratamento aumenta

substancialmente e, também, a dos pais melhorando o vínculo de confiança junto à instituição, além da perda do medo do ambiente hospitalar”. Assim, a fala do Profissional 02 é de extrema relevância para o presente estudo, pois corrobora com o que se defende sobre a importância da presença da brinquedoteca nos espaços hospitalares, em que, quando a criança e/ou adolescente tem o contato com o brincar, a sua condição clínica melhora. Porém, é fato que não há a cura, propriamente dita, da doença, há sim uma recuperação no estado emocional, na disposição geral dos pacientes para o tratamento de saúde. Aliados a essa ideia, Pacheco e Bonassi (2010, p. 63) mencionam que as atividades lúdicas presentes nas brinquedotecas hospitalares:

[...] contribuem para a recuperação da criança frente à sua doença durante a hospitalização, tanto para a criança quanto para seus familiares; promovendo a humanização e colaborando para a desmistificação do hospital (mudando a crença de que o hospital é simplesmente um ambiente invasivo e agressivo) [...].

Através das respostas dos profissionais entrevistados e do suporte teórico da análise textual discursiva das mesmas, foi possível constatar que as brinquedotecas, no âmbito hospitalar, são relevantes no sentido de que as mesmas contribuem no processo de recuperação da saúde e, também, no intuito de fazer com que a estadia no hospital seja a menos dolorosa e estressante, a partir da utilização de jogos, brinquedos e brincadeiras. Porém, infelizmente, ainda há muitas realidades que não possuem esse espaço, o que evidencia falhas nas políticas públicas de saúde que devem ser revisitadas e reelaboradas a luz das necessidades que se evidenciam no cotidiano.

#### 4.3 PEDAGOGIA HOSPITALAR: DESAFIOS E AVANÇOS

O tema em foco na presente investigação traz à tona reflexões sobre a ampliação do campo de atuação do pedagogo, bem como os desafios e dificuldades para a inserção desse profissional em algumas realidades. No referencial teórico foi apresentado um breve histórico sobre o Curso de Pedagogia no Brasil com argumentos sobre a ampliação do campo de atuação do pedagogo em função de várias mudanças e transformações da sociedade e da educação, enquanto processo que proporciona a formação humana, para além dos currículos centrados nos conhecimentos e habilidades cognitivas (BNCC, 2018). Nesse contexto, o pedagogo passou a ter a oportunidade de atuação em espaços não formais de ensino. Libâneo (1998, p. 19) amplia essa reflexão destacando:

De fato, vem se acentuando o poder pedagógico de vários agentes educativos formais e não formais. Ocorrem ações pedagógicas não apenas em família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não escolares. Há intervenção pedagógica na televisão, no rádio, nos jornais, nas revistas, nos quadrinhos, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos e, também na criação e elaboração de jogos, brinquedos.

De acordo com a citação acima, as práticas pedagógicas perpassem os muros da escola, desse modo, houve a preocupação em inserir nas unidades de saúde, a figura do pedagogo como sendo um agente transformador da realidade hospitalar, seja atuante nas classes hospitalares, seja trabalhando na gestão de pessoas, considerando a multiplicidade de setores e funções que fazem parte do cotidiano de colaboradores de um ambiente hospitalar.

Assim sendo, o terceiro bloco de análise se debruça sobre os desafios e avanços da Pedagogia Hospitalar, ao longo do tempo, uma vez que, ao ser realizado o estudo a campo, por meio de recursos digitais, em hospitais de referência da região da Serra Gaúcha e do Vale do Taquari, foi constatado a ausência desse profissional nas equipes multidisciplinares dessas unidades que tem como foco o atendimento à saúde. Tal situação nos apresenta uma lacuna entre a realidade e a legislação, pois, na prática, o pedagogo não está devidamente inserido em todos os espaços hospitalares, mesmo que as leis amparem este campo de atuação no referido ambiente.

Nesse sentido, Coelho (2015, p. 63) ao se referir à dicotomia entre legislação e realidade destaca que:

[...] As questões legais aparecem como suporte orientador e indutor de mudanças, mas não como garantia efetiva da inclusão, já que por si só, leis não garantem mudanças e também não se constituem como condições imprescindíveis para que as mudanças ocorram [...].

A afirmação do autor acima referido reafirma a ideia de que a efetivação das leis só ocorrerá a partir do momento que as pessoas sentirem a necessidade da mudança e agirem a favor dela. Partindo desse pressuposto, os gestores das instituições de saúde devem compreender a função e a importância do pedagogo inserido no ambiente hospitalar, uma vez que o mesmo exerce um papel humanizador, no sentido de resgatar o bem estar e a alegria dos sujeitos pacientes. Autores como Silva e Andrade (2013) destacam que o pedagogo hospitalar, desenvolve ações de acolhida, em que se resgata o sorriso, a política do abraço, a promoção do afeto e a recuperação da autoestima dos sujeitos e de seus acompanhantes. Ainda, reiteram que a atuação deste profissional como elemento da equipe multidisciplinar dos hospitais,

contribui para o desenvolvimento das habilidades necessárias ao trabalho em equipe, estimulando as competências socioemocionais e as interações intra e interequipes.

Porém, muito embora haja todo um aspecto de contribuições da presença e atuação do pedagogo hospitalar, inúmeros são os desafios encontrados neste novo campo de prática do profissional da educação. Melo e Lima (2015, p. 149-150), através de suas pesquisas, destacam alguns desses desafios: precariedade no número de classes hospitalares no Brasil, devido ao fato de que o direito à educação de crianças e/ou adolescentes hospitalizados é negado; falta de profissionais para atuar na área; ausência de estrutura física para comportar uma sala de aula adaptada com materiais e brinquedos diversos; relação pedagogo e família – em que o profissional da educação atua como uma “ponte” de comunicação do hospital com o mundo exterior; falta de profissionais qualificados - devido o fato de que os cursos de Pedagogia enfatizam a formação de professores para espaços escolares, não preparando o pedagogo para atuar em outros ambientes, como é o caso dos hospitais, aspecto esse que vem mudando, gradativamente, nas universidades brasileiras.

Ainda, segundo os referidos autores, outro problema presente no âmbito hospitalar é a relação do pedagogo com o sofrimento e morte do aluno/paciente, uma vez que o mesmo não está preparado emocionalmente para assimilar os momentos de dor e de luto.

A prática docente é fortemente marcada pelas relações afetivas, servindo de reforço para que a criança não desista da luta por sua saúde e se mantenha esperançosa em sua capacidade de esforço. O professor passa a ser um mediador de estímulos cauteloso, solícito e atento, reinventando formas para desafiar o enfermo quanto à continuidade dos trabalhos escolares, a vencer a doença e a engendrar projetos na vida emancipatória. (ORTIZ; FREITAS, 2005, apud MELO; LIMA, 2015, p. 148-149)

Refletindo sobre a citação acima, vale destacar que o pedagogo hospitalar necessita desenvolver, além das habilidades cognitivas, as habilidades socioemocionais, tanto do seu paciente como de si mesmo, promovendo assim, a saúde física e mental. De acordo com Abed (2014, p. 62) alguns exemplos dessas habilidades são “[...] a capacidade de controlar a ansiedade, prestar a atenção e concentrar-se na execução”.

Ainda, algumas competências socioemocionais que são vistas como essenciais e que merecem ser trabalhadas, em qualquer espaço de ensino formal e não formal, de acordo com Salas (2018, n/p) são: saber lidar consigo mesmo - isso ocorre por meio da autopercepção, do aumento da autoestima e da resiliência; saber lidar com os outros - por meio da comunicação, do relacionamento com os demais, lidando com desafios; saber lidar com os desafios - através das estratégias criadas, com uma escolha socialmente responsável. Além do mais, de acordo

com a referida autora, os jovens precisam saber lidar com os seus sentimentos, principalmente ao enfrentar uma situação difícil, como é o caso da internação, uma vez que “[...] as crianças que praticam essas competências com a mediação do professor – vão estar munidas para poder fazer a melhor escolha em momentos de conflito” (SALAS, 2018, n/p).

Para desenvolver tais ações humanizadoras no âmbito hospitalar, é imprescindível que o pedagogo tenha um olhar atento e diferenciado ao que a criança quer dizer, captando os sentidos das palavras que foram ditas por ela. Rocha e Passegi (2010, p. 118) esclarecem a importância desse tipo de escuta, pontuando que “[...] Ouvir as histórias de vida dos pacientes/alunos pode ser um dos caminhos para compreendê-los melhor e ajudá-los a ressignificar os processos de hospitalização e adoecimento”.

Segundo o documento “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações” (2002) compete ao pedagogo hospitalar, além de reunir uma gama de competências e habilidades, ao lecionar nos hospitais, “[...] ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam no ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo [...]” (MEC/SEESP, 2002, p. 22). Desta maneira, compreende-se que o pedagogo necessita de formação específica para atender todas as exigências desse campo de atuação.

O professor, para atuar em ambiente hospitalar, deve apresentar ampla experiência pedagógica, flexibilidade de trabalho, que irão completar seu perfil para o ambiente hospitalar, deparando-se com mudanças diárias nas enfermarias em que crianças internadas saem de alta ou entram em óbito. Diariamente ao chegar às unidades de internação pediátricas cirúrgicas, oncológicas, deverá estar preparado para avaliar em curto prazo e ofertar conteúdos dirigidos, a idade, ambiente, condições físicas e psicológicas, contaminação e, sobretudo, o tempo de aprendizagem de cada indivíduo. (MATOS, 2010, apud BARBOSA; GIMENES, 2017, p. 164)

De fato, na atualidade, encontramos várias dificuldades referentes ao cenário da saúde na realidade brasileira, ou seja, a precariedade e, de certa forma, o descaso com tão importante setor, em que há falta de investimentos, falta de profissionais e de recursos, como por exemplo, insumos básicos para proteção individual. Desta forma, em muitas unidades hospitalares, a ausência do profissional da educação acaba sendo um reflexo dos problemas enfrentados nesses espaços, o que faz com que as crianças e/ou adolescentes em estado de internação tenham só o cuidado médico, sem o atendimento pedagógico.

É importante mencionar, no que se refere a inserção do pedagogo em hospitais, há a possibilidade, segundo Gessica Torres Rozante, Orientadora Educacional do Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer, do Estado de São Paulo (TV PUC, 2019), de os hospitais fazerem uma parceria com a Secretaria Estadual de Educação em que se apresenta

um projeto com a demanda e as condições de implantação da classe hospitalar, considerando que deverá ser atribuído um lugar específico, na unidade de saúde, para a efetivação do trabalho do pedagogo com as crianças e adolescentes internados. Ao ser aprovado o referido projeto, é realizada a abertura da classe hospitalar, na qual professores das redes públicas de educação são convocados para fazer o atendimento nesse espaço. Ainda, de acordo com a Orientadora, há hospitais que não fazem a parceria, pois inserem o pedagogo por conta própria, a partir do momento em que há o entendimento da necessidade da atuação desse profissional na equipe multidisciplinar. Tal processo varia de acordo com a organização e as políticas públicas de cada estado e município.

Vale salientar, que, a importância da atuação do pedagogo no âmbito hospitalar é necessária e imprescindível, uma vez que: “Há muitas crianças hospitalizadas que precisam de atendimento escolar. A educação é fundamental e deve estar presente sempre na vida das pessoas independente das condições que elas se encontrem [...]” (PROFISSIONAL 01, 2020).

Como citado ao longo da presente monografia, o campo da Pedagogia Hospitalar, assim como a atuação do pedagogo hospitalar, de fato, ainda apresenta várias lacunas e desafios para que essa área de atuação seja realmente consolidada. E isso fica evidente ao nos depararmos com hospitais sem a presença deste profissional por “n” motivos. De acordo com Matos e Mugiatti (2014, apud VILARINO *et al*, 2018, p. 171): “[...] No Brasil, a grande maioria dos hospitais não possuem atendimento ao escolar hospitalizado. Ainda não há um reconhecimento satisfatório no sentido de que as crianças e os jovens hospitalizados têm o direito à educação”.

Entretanto, este cenário, com o passar dos tempos, tende a mudar, uma vez que, as Universidades que oferecem o curso de Licenciatura em Pedagogia, estão programando em seus currículos, disciplinas que focam nos diferentes espaços de atuação do pedagogo. Ainda, atualmente, já existem cursos de pós-graduação voltados ao campo da Pedagogia Hospitalar, o que reflete no crescimento do interesse para a atuação na referida área. Deste modo, é possível concluir que possíveis avanços a respeito desse novo campo de atuação do profissional da educação já estão em movimento, uma vez que as Universidades estão colocando na prática a abordagem da educação inclusiva, no sentido de formar pedagogos com conhecimentos pedagógicos para o acolhimento da diversidade. Ainda, para que lutem pela viabilização das políticas públicas que se referem ao direito à educação de todos os cidadãos, mesmo às crianças e adolescentes que se encontram em situação de enfermidade, como sinaliza o autor Vilarino *et al* (2018, p. 171):

A conscientização sobre políticas públicas direcionadas à criança e adolescentes é essencial para que haja mudanças no cenário hospitalar em relação ao atendimento pedagógico. É necessária implementação de estratégias políticas e pedagógicas de gestão hospitalar para que a criança hospitalizada disponha da assistência educacional, o que passa pelo acatamento das leis, pela formação profissional em saúde, e pela sensibilização de todos envolvidos.

Outro aspecto de grande relevância a se destacar nesse processo são as crescentes ondas de avanços científicos e tecnológicos que estão impactando diretamente a vida dos indivíduos e, por consequência, todos os setores da sociedade. Nesse sentido, os hospitais têm sido um dos espaços que mais se vivencia esse avanço tecnológico vertiginoso pela aplicação da tecnologia no tratamento das mais variadas formas de doenças e demais problemas relacionados à saúde, seja através da evolução dos medicamentos, tratamentos ou intervenções. As pesquisas revelam que, no futuro, as mudanças serão ainda maiores devido a inúmeros elementos, como a presença da robótica, da nanotecnologia, biotecnologia, impressoras 3D e tantos outros aparelhos tecnológicos proporcionados pela ciência. Assim sendo, pode-se questionar: De que forma a tecnologia impactará o futuro dos hospitais? Alguns possíveis avanços na área da saúde, que irão influenciar o âmbito hospitalar, são de acordo com a Revista Época Negócios (2018, n/p), “[...] De um ultrassom portátil que agiliza diagnóstico a enfermeiras robôs, passando por cápsulas que levam material de uma ponta a outra do hospital [...]”. Ainda, segundo a referida revista, os médicos poderão, através da criação de modelos com base nas impressoras 3D, simular partes do corpo dos pacientes, para planejar e proceder com mais segurança o procedimento cirúrgico. Também, haverá toda uma preocupação com o bem-estar físico e mental dos pacientes, através de uma arquitetura que valorize a presença do mundo exterior, por meio do contato com a natureza e das plantas.

[...] Usada com inteligência, a tecnologia é uma peça importante para que, no futuro, sempre que for necessário recorrer a um hospital, possamos encontrar um ambiente cada vez mais acolhedor e humanizado. (REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS, 2018, n/p)

Diante do exposto, é realidade que a tecnologia irá influenciar ainda mais e positivamente a saúde, desde o atendimento até a agilidade no tratamento, garantindo assim, uma melhor qualidade de vida para as pessoas. Nesse sentido, refletindo sobre o momento pandêmico atual, alguns avanços já estão ganhando força no ambiente hospitalar no que se refere às consultas médicas, em que as mesmas passaram a ocorrer de forma on-line ou remota, como afirma Cruz (2020, n/p):

Durante a pandemia, a telessaúde ficou em evidência, visto que a telemedicina foi aprovada em caráter de emergência e instituições, médicos e pacientes tiveram de se adaptar ao atendimento à distância. Pensar em medicina remota rapidamente se tornou uma realidade.

Assim, atualmente, há muitos movimentos em curso no sentido da qualificação dos atendimentos de saúde junto aos hospitais, movimentos esses determinados pelo avanço científico e tecnológico. No entanto, em se tratando da questão da humanização, ainda existem várias lacunas que impedem a tão sonhada concretização da presença do pedagogo inserido no ambiente hospitalar, considerando que o mesmo desempenha um papel extremamente importante não somente para os pacientes/alunos, mas também, para seus acompanhantes e demais colaboradores do hospital. Os estudos realizados e a observação da realidade hospitalar sinalizam que, por mais que existam leis que assegurem a viabilidade da pedagogia hospitalar, as mudanças só ocorrerão a partir do momento que a gestão hospitalar, compreender a função do pedagogo nesse ambiente e agir à favor de sua inserção na equipe multidisciplinar de saúde, reconhecendo-o como um profissional que contribui para tornar esse ambiente mais acolhedor e humanizado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a presente monografia, que focaliza a temática Pedagogia Hospitalar, foi possível concluir que, por ser um campo novo de atuação do pedagogo, ainda há pouco conhecimento sobre essa área. Desta forma, o estudo apresentado sustenta a concepção de que, embora esse espaço de atuação seja regularizado pela legislação brasileira, infelizmente, ainda há certa dicotomia entre a lei e a realidade. Tal constatação foi possível através da coleta e análise dos dados da pesquisa a campo, em que as unidades de saúde, em sua maioria, não possuem o pedagogo pertencente à equipe multidisciplinar.

Além disso, é importante mencionar que, no desenvolvimento da investigação, obtive dificuldades na coleta de dados, pois além de não encontrar instituições hospitalares que mantém em seu quadro de colaboradores o profissional pedagogo, o momento pandêmico vivenciado impossibilitou à imersão *in loco* nos ambientes hospitalares, o que exigiu um realinhamento do projeto inicial quanto ao campo de investigação e forma de coleta de dados.

Mesmo assim, através dos estudos realizados, foi possível dar respostas à questão norteadora da presente monografia, em que foi possível compreender o papel do pedagogo no ambiente hospitalar e as suas contribuições nesse espaço. Contribuições estas, essenciais no desenvolvimento da humanização, em que o paciente pediátrico é ouvido e, acima de tudo, acolhido na sua fragilidade durante o período de internação hospitalar.

Com o desenvolvimento do estudo, houve o alcance dos objetivos, pois foi possível constatar qual o papel do pedagogo no ambiente hospitalar e confirmar a importância desse profissional no referido espaço, uma vez que o mesmo proporciona a garantia do direito à educação das crianças e adolescentes que se encontram em estado de enfermidade. Desta forma, há o acompanhamento educacional dos alunos/pacientes, a fim de evitar a exclusão escolar, promovendo a sua inserção/reinserção na instituição de origem. Nesse sentido se justificam as classes hospitalares onde é realizado o atendimento pedagógico dentro do hospital, a partir de um currículo flexível e adaptado às necessidades de cada aluno, criando assim, condições de aprendizagens.

Além de atuar nas classes hospitalares, o pedagogo também desenvolve o seu trabalho nas brinquedotecas hospitalares, mediando atividades lúdicas e recreativas, tornando a estadia das crianças e adolescentes menos penosa, amenizando os traumas que a internação pode desencadear nos pequenos jovens pacientes. Também, é no hospital que o profissional da educação pode atuar exercendo o papel de mediador e articulador do clima organizacional

presente, a fim de amenizar os conflitos entre os colaboradores e os impactos negativos que podem se fazer presentes nesse espaço, trabalhando, assim, com a gestão de pessoas.

Por meio dos aportes teóricos e da análise documental, foi possível identificar e compreender as dificuldades e avanços da Pedagogia Hospitalar, que por ser um campo novo, ainda é pouco explorado. Nesse sentido, destaco que por ser uma área de atuação com grande relevância, acredito que, futuramente, esse campo da Pedagogia ganhará mais espaço na sociedade e, desta forma, se faz necessário haver mais cursos destinados a este propósito, que é de formar pedagogos atuantes na área da saúde.

É importante salientar, que a efetivação da atuação do pedagogo no hospital, somente ocorrerá quando as pessoas pertencentes a esse espaço, compreenderem a importância deste profissional e agirem a favor da mudança, além de, realmente, criarem espaços para sua atuação. Nesse sentido, é preciso haver uma ruptura de paradigma, uma vez que o pedagogo não seria despesa ao hospital, muito pelo contrário, seria um investimento de qualificação, tanto na gestão de pessoas, como nas intervenções pedagógicas, como argumentado ao longo do estudo descrito.

Tenho a convicção de que o presente trabalho contribuirá para os avanços da pesquisa em educação sobre a atuação do pedagogo em espaços hospitalares e reitero a importância do aprofundamento desta temática. Ainda, relato a minha motivação e vontade em continuar pesquisando e buscando respostas para novos questionamentos, que se constituem em interesses para estudos futuros, como por exemplo: De que forma o pedagogo hospitalar atua na mediação escola-hospital-família? Como acontece a atuação do pedagogo numa UTI Pediátrica com crianças em fase terminal?

Posso afirmar que a Pedagogia Hospitalar ganhou meu coração, pois é uma grande aliada para transformar um lugar de dor e sofrimento, em um ambiente acolhedor e humanizador. Desta forma, me vejo, futuramente, atuando nesta área que me encanta e me inspira, pois é uma forma de promover a educação de forma significativa e extremamente necessária.

## REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo: abr, 2014. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15891-habilidades-socioemocionais-produto-1-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15891-habilidades-socioemocionais-produto-1-pdf&Itemid=30192)> Acesso em 31.10.2020.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil**. 1 ed, São Paulo: Moderna, 2012. Disponível em: <<https://fbnovas.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/02/Acervo%20em%20PDF/Hist%C3%B3ria%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20da%20Pedagogia.pdf>> Acesso em 21.08.2020.

ANGELO, Thayane Silva de; VIEIRA, Maria Rita Rodrigues. Brinquedoteca hospitalar: da teoria à prática. **Arquivo de Ciências da Saúde**: p. 84-90, abr-jun, 2010. Disponível em <[http://repositorio-racs.famerp.br/racs\\_ol/vol-17-2/IDO4\\_%20ABR\\_JUN\\_2010.pdf](http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-17-2/IDO4_%20ABR_JUN_2010.pdf)> Acesso em 31.08.2020.

BARBOSA, Andreza da; GIMENES, Priscila Alvarenga Cardoso. Desafios e conquistas da pedagogia hospitalar: a contribuição pedagógica no processo de aprendizagem da criança hospitalizada em tratamento oncológico. **Nucleus**: v. 14, n. 2, p. 161-174, out, 2017. Disponível em <<file:///C:/Users/User/Downloads/2854-10831-1-PB.pdf>> Acesso em 18.10.2020.

BELANCIERI, Maria Fátima; RODRIGUES, Kátia Regine; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; REIS, Verônica Lima dos. Pedagogia hospitalar: intervenções na unidade pediátrica a partir da contação de histórias. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**. Londrina: v. 39, n. 1, p. 53-64, jan/jun, 2018. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/33005/23807>> Acesso em 12.10.2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso 10.11.2020.

\_\_\_\_\_. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados**. Assembleia Ordinária do Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 41, de Outubro de 1995. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>> Acesso em 21.08.2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução CNE/CP nº1, de 15 de Maio de 2006. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)> Acesso em 25.08.2020.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em 03.09.2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília, 2002. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>> Acesso em 21.08.2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Resolução CNE/CEB, nº 2 de 11 de Setembro de 2001. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>> Acesso em 25.08.2020.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto-lei nº 1.190, de 4 de Abril de 1939**. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del1190.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del1190.htm)> Acesso em 25.08.2020.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)> Acesso em 20.08.2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em 26.08.2020.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.104, de 21 de Março de 2005**. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm)> Acesso em 31.08.2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde; Secretaria de Assistência à Saúde. **Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar**. Brasília, 2001. Disponível em <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>> Acesso em 25.10.2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.261, de 23 de Novembro de 2005**. Gabinete do Ministro. Disponível em <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt2261\\_23\\_11\\_2005.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt2261_23_11_2005.html)> Acesso em 31.08.2020.

BRITO, Luciana Santos; PERINOTTO, André Riani Costa. O brincar como promoção à saúde: a importância da brinquedoteca hospitalar no processo de recuperação de crianças hospitalizadas. **Revista Hospitalidade**. São Paulo: v. XI, n. 2, p. 291-315, dez, 2014. Disponível em <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/557/578>> Acesso em 22.10.2020.

CALDEIRA, Helvio. **Tudo sobre o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar**. Blog CM Tecnologia: fev, n/p, 2019. Disponível em <<https://cmtecnologia.com.br/blog/programa-nacional-humanizacao-assistencia-hospitalar/>> Acesso em: 23.10.2020.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Fundação Editora da UNESP (FEU): São Paulo, 1999.

CARREIRA, Denise. **O direito à educação e à cultura em hospitais: caminhos e aprendizagens do Pequeno Príncipe**. Curitiba/PR: Associação Hospitalar de Proteção à Infância Dr. Raul Carneiro, 2016. Disponível em <<https://pequenoprincipe.org.br/projetosabermais/manual/Educ.pdf>> Acesso em 18.11.2020.

COELHO, Cristina Maria Madeira. Inclusão escolar. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2. ed.rev, 2015. Disponível em <[https://www.academia.edu/1193755/Desenvolvimento\\_humano\\_educa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_inclus%C3%A3o\\_escolar](https://www.academia.edu/1193755/Desenvolvimento_humano_educa%C3%A7%C3%A3o_e_inclus%C3%A3o_escolar)> Acesso em 29.10.2020.

COMIN, Juliana Oliveira. **Os saberes docentes na classe hospitalar**. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientação: Profa. Dr<sup>a</sup>. Terezinha Maria Cardoso. Florianópolis: 2009. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92446/280384.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 19.10.2020.

COMPLEXO PEQUENO PRÍNCIPE. **Educação e cultura no Hospital Pequeno Príncipe**. Publicado em 06 de Dezembro de 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=SU9KK2Q-2es>> Acesso em 19.11.2020.

COSTA, Suely Alves Fonseca; RIBEIRO, Circéa Amália; BORBA, Regina Issuzu Hirooka de; SANNA, Maria Cristina. Brinquedoteca Hospitalar no Brasil: reconstruindo a história de sua criação e implantação. **Hist. Enf. Rev. Eletr (HERE)**: v. 5, n. 2, p. 206-223, ago/dez, 2014. Disponível em <<http://www.here.abennacional.org.br/here/vol5num2artigo4.pdf>> Acesso em 01.09.2020.

CRUZ, Pablo Juan Moraes da. **Artigo – A democratização da saúde nas mãos do atendimento remoto**. Portal Hospitais Brasil, publicado em 30 de Outubro de 2020, n/p. Disponível em <<https://portalhospitaisbrasil.com.br/artigo-a-democratizacao-da-saude-nas-maos-do-atendimento-remoto/>> Acesso em 31.10.2020.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES; Sueli Maria Schmitt. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**: v. 1, n. 1, jan/mar, p. 107-112, 2004. Disponível em <<https://conteudopedagogico.files.wordpress.com/2011/02/o-lidico-na-educao-infantil.pdf>> Acesso em 22.10.2020.

DANTAS, Jacqueline L.L. A prática pedagógica hospitalar em tempos de pandemia: uma reflexão à luz de *Grande Sertão: Veredas*. **Pedagogia em Ação**. Belo Horizonte: v. 13, n. 1, p. 226-236, 2020. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23766>> Acesso em 23.10.2020.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 6 ed. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC:UNESCO, 2001.

DIAS, Maria Antonia de Andrade. Humanização do espaço hospitalar: uma responsabilidade compartilhada. **O Mundo da Saúde**: São Paulo, n. 30, v. 2, p. 340-343, abr/jun, 2006.

Disponível em <[http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/35/humanizacao.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/35/humanizacao.pdf)> Acesso em 14.10.2020.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE DE PORTUGUÊS. 2009-2020. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>> Acesso em 25.08.2020.

FARFUS, Daniele. **Espaços educativos: um olhar pedagógico**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed, São Paulo: Atlas, 2008.

KAILER, Priscila Gabriele da Luz; MIZUNUMA, Samanta. As contribuições dos brinquedistas hospitalares nas concepções dos profissionais de saúde. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, 2009. Disponível em <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2739\\_1673.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2739_1673.pdf)> Acesso em 18.11.2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo, Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar, Curitiba, Editora UFPR: n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>> Acesso em 25.08.2020.

LIMA, Sílvia Aparecida Pereira. Clima e Cultura Organizacional no ambiente empresarial. **Revista Científica Eletrônica de Administração**: ano VIII, nº 15, 2008.

MELO, Damaris Caroline Quevedo do; LIMA, Vanda Moreira Machado. Professor na pedagogia hospitalar: atuação e desafios. **Colloquium Humanarum**. Presidente Prudente: v. 12, n. 2, p. 144-152, abr/jun, 2015. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/231163222.pdf>> Acesso em 29.10.2020.

MELO, Luciana de Lione; VALLE, Elizabeth Ranier Martins do. A brinquedoteca como possibilidade para desvelar o cotidiano da criança com câncer em tratamento ambulatorial. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo: v. 22, n. 2, p. 517-525, 2010. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/37443603.pdf>> Acesso em 31.08.2020.

MULTICULTURA. **Classes Hospitalares**. Publicado em 16 de Junho de 2014. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=6AgP3sF\\_7Rw](https://www.youtube.com/watch?v=6AgP3sF_7Rw)> Acesso em 03.09.2020.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência&Educação**: v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>> Acesso em 01.11.2020.

OLIVEIRA, Igor. **Brinquedoteca do Hospital de Clínicas ajuda no tratamento de crianças cardiopatas**. Agência Pará, publicado em 14 de Janeiro de 2020, n/p. Disponível em <<https://agenciapara.com.br/noticia/17345/>> Acesso em 03.09.2020.

OLIVEIRA, Lecila Duarte Barbosa; GABARRA, Letícia Macedo; MARCON, Claudete; SILVA, Julia Laitano Coelho; MACCHIAVERNI, Juliana. A Brinquedoteca Hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Humano, Pesquisa Original**: v. 19, n. 2, p. 306-312, 2009. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v19n2/11.pdf>> Acesso em 03.09.2020.

OLIVEIRA, Josélia de Jesus Araújo Braga de; MATOS, Otainan da Silva. Brinquedoteca hospitalar: importância para o brincar da criança hospitalizada com câncer. **R. Bibliomar**, São Luís: v. 18, n. 2, p. 35-49, jul/dez, 2019. Disponível em <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/12679/7243>> Acesso em 22.10.2020.

ONU. **Declaração dos Direitos da Criança**. Adotada pela Assembléia das Nações Unidas de 20 de Novembro de 1959. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html>> Acesso em 13.10.2020.

PACHECO, Bárbara Guimarães; BONASSI, Silvia Maria. Reflexões acerca da implantação e funcionamento de uma brinquedoteca no âmbito hospitalar. **An. Sciencult**. Paranaíba: v. 2, n. 1, p. 57-65, 2010. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/275582702\\_Reflexoes\\_acerca\\_da\\_implantacao\\_e\\_funcionamento\\_de\\_uma\\_brinquedoteca\\_no\\_ambito\\_hospitalar/citation/download](https://www.researchgate.net/publication/275582702_Reflexoes_acerca_da_implantacao_e_funcionamento_de_uma_brinquedoteca_no_ambito_hospitalar/citation/download)> Acesso em 25.10.2020.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de; DAVINA, Lilian Cristiane Garcia Ciardulo Tait. Literatura infantil para crianças enfermas: contribuições na formação de professores. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente-SP: v. 29, n. 3, p. 95-107, set/dez, 2018. Disponível em <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/5095/pdf>> Acesso em 19.09.2020.

REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS. **5 avanços para os hospitais do futuro**. Publicado em 04 de Junho de 2018, n/p. Disponível em <<https://epocanegocios.globo.com/Caminhos-para-o-futuro/Saude/noticia/2018/06/5-avancos-para-os-hospitais-do-futuro.html>> Acesso em 31.10.2020.

ROCHA, Simone Maria da; PASSEGGI, Maria da Conceição. Classe hospitalar: um espaço de vivências educativas para crianças e adolescentes em tratamento de saúde. **Revista ambienteeducação**. São Paulo: v. 2, n. 1, p. 113-121, jan/jul, 2020. Disponível em <<http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/171>> Acesso em 31.10.2020.

SALAS, Paula. **Como as competências socioemocionais promovem saúde mental?** Nova Escola, publicado em 02 de Outubro de 2018, n/p. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/12664/como-as-competencias-socioemocionais-promovem-saude-mental>> Acesso em 31.10.2020.

SANTOS, Thiala Conceição. **Literatura na Hospitalização Infantil: “Um Remédio Para Alma”**. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal da Bahia. Orientação: Profa. Dr<sup>a</sup>. Alessandra Barros. Salvador/Bahia: 2009. Disponível em <<http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/164/thialalivroinfantil.pdf>> Acesso em 22.10.2020.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia: o espaço da Educação na Universidade. **Cadernos de Pesquisa**: v. 37, n. 130, p. 99-134, jan/abr, 2007. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/06.pdf>> Acesso em 28.08.2020.

SCHEIBE, Leda; DURLI, Zenilde. Curso de Pedagogia no Brasil: Olhando passado, compreendendo o presente. **Revista Educação em Foco**: ano 14, n. 17, p. 79-109, jul, 2011. Disponível em <<https://revista.uemg.br/ojs3/index.php/educacaoemfoco/article/view/104/139>> Acesso em 25.08.2020.

SCHIO, Roberta. **A Brinquedoteca Hospitalar e suas contribuições na recuperação de crianças hospitalizadas**. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade de Caxias do Sul. Orientação: Profa. Dr<sup>a</sup>. Maristela Pedrini. Bento Gonçalves: 2020.

SILVA, Neilton da; ANDRADE, Elaine Silva de. **Pedagogia hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013. Disponível em <<file:///C:/Users/User/Downloads/pedagogia%20hospitalar.pdf>> Acesso em 25.08.2020.

SILVA, Roberta da; FARAGO, Alessandra Corrêa. Pedagogia Hospitalar: a atuação do pedagogo em espaços não formais de educação. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. São Paulo: p. 165-185, 2014. Disponível em <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074320.pdf>> Acesso em 13.10.2020.

SILVA, Lucas Tagliari da; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Atuação de diferentes profissionais em brinquedotecas hospitalares: características e funções. **Licere**. Belo Horizonte: v. 18, n. 2, p. 329-349, jun, 2015. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1112/16702>> Acesso em 31.08.2020.

SILVA, Tania Melissa Archangeloda; MATOS, Elizete Lúcia Moreira. Brinquedoteca Hospitalar: uma realidade de humanização para atender crianças hospitalizadas. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, 2009. Disponível em <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3276\\_1464.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3276_1464.pdf)> Acesso em 22.10.2020.

SILVÉRIO, Claudia Aparecida; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Brinquedoteca hospitalar: O papel do Pedagogo no Desenvolvimento Clínico e Pedagógico de Crianças Hospitalizadas. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**: v. 3, nº 1, 2012. Disponível em <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Claudia.pdf>> Acesso em 31.08.2020.

SOUZA, Ana Cristina Soares. **A prática pedagógica no ambiente hospitalar**. Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal da Paraíba. Orientação: Profa. Janine Marta Coelho Rodrigues. João Pessoa: 2017. Disponível em <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2559/1/ACSS21062017.pdf>> Acesso em 14.10.2020.

TEIXEIRA, Sirlândia. **Brinquedotecas Hospitalares**. Publicado em 09 de abril de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Bfq7qEIBdbM>> Acesso em 17.09.2020.

TV INFORMATIVO. **Hospital Bruno Born – Brinquedotecas**. Publicado em 04 de março de 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lnK9lpRCU0E>> Acesso em 17.09.2020.

TV PUC. **Desafio Profissão – Pedagogia Hospitalar**. Publicado em 27 de maio de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FGzHfNTjj5w>> Acesso em 17.09.2020.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. Intervenção Escolar Em Hospitais Para Crianças Internadas: a formação alternativa re-socializadora. **Anais do I Congresso Internacional de Pedagogia Social**. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo: mar, 2006. Disponível em <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100048&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100048&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em 28.08.2020.

VIEGAS, Drauzio. (Org). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

VILARINO, Maria Teresinha Bretas; NOVAES, Edmarcius Carvalho; OLIVEIRA, Ariádine Soares de. A pedagogia hospitalar como campo de formação e atuação profissional. **Revista Práxis**: v. 10, n. 20, dez, 2018. Disponível em <<http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/1415/2239>> Acesso em 31.10.2020.

VYGOTSKY, Levy Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WELLICHAN, Danielle Silva Pinheiro; OLIVEIRA, Cássia Aparecida Magna. Pedagogia Hospitalar: uma questão de novos horizontes para o pedagogo. **Educ. foco**. Juiz de Fora/MG: v. 22, n. 3, p. 146-173, 2018. Disponível em <<file:///C:/Users/User/Downloads/19740-Texto%20do%20artigo-80512-2-10-20190715.pdf>> Acesso em 28.08.2020.

XERRI, Eliana Gasparini. **Da Universidade da Serra à Universidade de Caxias do Sul/RS (1950-2002): O Pensar e o Construir da Universidade na Serra Gaúcha**. Tese de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS: 2012. Disponível em <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3712/1/437555.pdf>> Acesso em 26.08.2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ed, Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em <[https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia\\_da\\_pesquisa\\_estudo\\_de\\_caso\\_yin.pdf](https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf)> Acesso em 01.11.2020.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 01 – ENTREVISTA: ADMINISTRADORA HOSPITALAR



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CAMPUS DA REGIÃO DOS VINHEDOS  
ÁREA DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA INTITULADA**

**“Pedagogia Hospitalar: Reflexões sobre um novo espaço de atuação para o Pedagogo”**

Prezados(as)!

Sou Vanessa Cantoni Carniel, acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Convido você a participar de minha pesquisa para a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso referente ao tema “Pedagogia Hospitalar”, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maristela Pedrini.

Esclareço que, os dados coletados, bem como sua identidade serão mantidos em sigilo e servirão de material empírico para a elaboração de estudos que fazem parte da pesquisa acima referida.

Coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Agradeço por sua disponibilidade, pois sua participação será de fundamental importância para minha pesquisa. Conto com a sua colaboração!

Muito obrigada!

Vanessa Cantoni Carniel

**1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

- a) Idade:
- b) Formação acadêmica:

- c) Pós-graduação:
- d) Tempo de atuação na área:
- e) Tempo de atuação no hospital:

## 2. QUESTÕES DA ENTREVISTA:

- f) Como você vê a atuação do Pedagogo no ambiente hospitalar?
- g) Quais são as demandas em relação ao processo de humanização das relações no ambiente hospitalar?
- h) Como você avalia o processo de implantação da brinquedoteca no hospital?
- i) Há utilização da Brinquedoteca Hospitalar? De que forma? Quem atua?
- j) Considerando a existência da brinquedoteca na entidade, há horários específicos para seu funcionamento?
- k) Que materiais/objetos estão presentes nesse espaço?
- l) De que forma é feita a escolha e higiene dos brinquedos?
- m) Além da brinquedoteca, há outros espaços do hospital destinados a atividades com as crianças?
- n) Existe algum plano ou projeto para a contratação de um profissional – pedagogo para atuar nesse ambiente?
- o) O que você gostaria de mencionar que não foi abordado?

## APÊNDICE 02 – ENTREVISTA: MEMBRO DO CORPO CLÍNICO



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CAMPUS DA REGIÃO DOS VINHEDOS  
ÁREA DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA INTITULADA**

**“Pedagogia Hospitalar: Reflexões sobre um novo espaço de atuação para o Pedagogo”**

Prezados(as)!

Sou Vanessa Cantoni Carniel, acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Convido você a participar de minha pesquisa para a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso referente ao tema “Pedagogia Hospitalar”, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maristela Pedrini.

Esclareço que, os dados coletados, bem como sua identidade serão mantidos em sigilo e servirão de material empírico para a elaboração de estudos que fazem parte da pesquisa acima referida.

Coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Agradeço por sua disponibilidade, pois sua participação será de fundamental importância para minha pesquisa. Conto com a sua colaboração!

Muito obrigada!

Vanessa Cantoni Carniel

**1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

- a) Idade:
- b) Formação acadêmica:
- c) Pós-graduação:
- d) Tempo de atuação na área:

e) Tempo de atuação no hospital:

2. QUESTÕES DA ENTREVISTA:

f) Como você vê a atuação do Pedagogo no ambiente hospitalar?

g) Quais são as demandas em relação ao processo de humanização das relações no ambiente hospitalar?

h) Como você avalia o processo de implantação da brinquedoteca no hospital?

i) Você percebe alguma melhora clínica em pacientes que frequentam a brinquedoteca hospitalar? Em caso afirmativo, cite qual (is).

j) O que você gostaria de mencionar que não foi abordado?

## ANEXOS

### ANEXO A – BRINQUEDOTECA DO HOSPITAL INVESTIGADO

**Figura 01** – Espaço da Brinquedoteca do Hospital A



Fonte: Schio (2020)

**Figura 02** – Infraestrutura da Brinquedoteca do Hospital A



Fonte: Schio (2020)